

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CEILÂNDIA

DAIANE MACIEL DOS SANTOS

**O impacto da inclusão digital no cotidiano de idosos**

Brasília – DF

2012

DAIANE MACIEL DOS SANTOS

**O impacto da inclusão digital no cotidiano de idosos**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Ceilândia, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Vanessa Pinto de Meneses

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Carolina Becker Bueno de Abreu

Brasília – DF

2012

## Ficha Catalográfica

Santos, Daiane Maciel

O impacto da inclusão digital no cotidiano de idosos/  
Daiane Maciel dos Santos. – Brasília, 2012.

61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Terapia  
Ocupacional) – Faculdade de Ceilândia, Brasília.  
Universidade de Brasília. 2012.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Vanessa Pinto de  
Meneses

Coorientador: Prof<sup>a</sup>. Me. Carolina Becker Bueno de  
Abreu

DAIANE MACIEL DOS SANTOS

**O impacto da inclusão digital no cotidiano de idosos**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido à Faculdade de Ceilândia, da  
Universidade de Brasília, como requisito  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Terapia Ocupacional.

Aprovado em 05 de outubro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Me. Carolina Becker Bueno de Abreu –  
Coorientadora / FCE - UnB

---

Profª Me. Patrícia Azevedo Garcia –  
FCE - UnB

---

Danielle Oliveira Pedrosa  
Terapeuta Ocupacional – Secretaria de Saúde/DF

Brasília – DF

2012

## DEDICATÓRIA

*Aos meus amados pais Rosivaldo e Gilvania, pois sem eles eu não seria capaz de chegar até aqui. Sou eternamente grata pela educação e formação que me proporcionaram, pelos valores passados através de seus exemplos e principalmente por sempre acreditarem em mim.*

*Ao meu querido amor Evandro, meu amigo e companheiro, pela paciência e atenção a mim dedicadas e por sempre me incentivar a seguir em frente.*

*Ao meu lindo irmãozinho Murilo por trazer alegria aos nossos dias e pelo seu singelo olhar inocente de criança nos momentos mais oportunos.*

*Dedico finalmente, ao homem que sempre acreditou em mim e me ensinou a nunca desistir, mesmo após tentativas fracassadas: o meu amado e saudoso avô, Sebastião.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir trilhar este caminho.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kátia Vanessa pela oportunidade concedida a mim de participar de um projeto de extensão tão belo, e a minha coorientadora Prof<sup>a</sup> Me. Carolina Becker pela disponibilidade em me acolher, pela atenção e conselhos imprescindíveis a minha formação e a construção deste trabalho.

Aos maravilhosos participantes desta pesquisa, por colaborarem de forma tão solícita.

Aos meus amigos, os antigos e os que chegaram a minha vida durante esta caminhada e que acrescentaram muito ao meu desenvolvimento.

Especialmente às minhas amigas, Dalilla Matilde e Ana Carolina Sucupira que não me deixaram desistir e sempre me apoiaram nos momentos de dificuldade ao longo de toda a graduação e, especialmente, durante a construção deste trabalho, quando eu já não era mais capaz de desenvolver pensamentos coerentes.

A todos os meus professores que souberam ser mestres durante este período de formação.

Às Terapeutas Ocupacionais que me acolheram como sua estagiária e compartilharam comigo sua experiência, mas especialmente a Danielle Pedrosa por aceitar participar da minha banca, colaborando mais uma vez com a minha formação.

À professora Patrícia Azevedo por compor a banca examinadora e colaborar com o enriquecimento deste trabalho.

*“Os analfabetos do século 21 não serão aqueles que não sabem ler e escrever, mas aqueles que não sabem aprender, desaprender e reaprender.”*

*Alvin Toffler*

## RESUMO

**Introdução:** A informática está cada vez mais presente em nosso cotidiano e pode representar um desafio para aqueles que não estão acompanhando esta evolução. A inclusão digital se apresenta como uma ferramenta que pode auxiliar na manutenção da independência e da autonomia do idoso. Com o objetivo de promover a inclusão digital e social de idosos, foi implementado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos o Projeto de Extensão TO Clicando, que oferece oficinas de informática, memória, lazer e atividades manuais a idosos da instituição e da comunidade. **Objetivo Geral:** Verificar o impacto da oficina de informática no cotidiano dos idosos participantes. **Objetivos específicos:** Constatar se os idosos utilizam os recursos aprendidos na oficina de informática em outros contextos de vida; identificar quais recursos de informática são aplicados no seu cotidiano e como são aplicados; verificar se a participação em tal oficina favorece a inclusão social e como isso ocorre e verificar se os idosos se consideram incluídos digitalmente após a participação na oficina de informática. **Métodos:** Pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, utilizando a técnica de grupo focal. Participaram 8 idosos, com idade igual ou superior a 60 anos, que frequentaram pelo menos uma oficina de informática oferecida pelo Projeto de extensão TO Clicando. Para análise dos dados foi utilizada análise de conteúdo. **Resultados:** Participaram dois homens e seis mulheres com média de 70,75 anos de idade, dois viúvos e seis casados, um residente da instituição e sete residentes da comunidade. Seis relataram utilizar os recursos aprendidos no curso em seu cotidiano, e dois disseram não utilizar. Os recursos mais utilizados são email, internet (para compras, pesquisas e entretenimento), editor de textos e jogos (para estimulação de memória e lazer). A participação favoreceu a inclusão social, pois facilitou a comunicação com outras pessoas e familiares e criou novo círculo social composto pelos colegas e monitores do curso. Todos se consideram incluídos digitalmente, apesar de relatarem ser necessário aprimorar os conhecimentos. **Considerações finais:** Este estudo permitiu discutir a inclusão digital de idosos por meio de oficina de informática, identificando, ainda, seu impacto no cotidiano do idoso.

Descritores: Inclusão digital, idosos e inclusão social.

## ABSTRACT

### The impact of digital inclusion in the daily lives of elderly

**Introduction:** Information Technology is increasingly present in our daily lives and can represent a challenge for those who are not following this evolution. Digital inclusion is presented as a tool that can assist in maintaining the independence and autonomy of the elderly. Aiming to promote digital and social inclusion of the elderly, had been implemented in an institution of Nursing Home the Extension Project TO Clicando (clicking) offering computer workshops, memory, leisure and manual activities to the elderly who lives at Nursing Home and community. **General Objective:** Check the impact of participation in computer workshop in the lives of elderly. **Specific Objectives:** Analyze if the elderly use the resources learned in other life situations; identify which Information Technology resources are applied in their day-to-day and how they are applied, and verify that participation in this workshop promotes social and digital inclusion and how this happens. **Methods:** Exploratory qualitative research, using focus group technique. 8 elderly participants aged 60 or over, who have attended at least one computer workshop offered by Extension Project TO Clicando. For data analysis content analysis were used. **Results:** Participants were 2 men and 6 women with a mean of 71.5 years of age, 2 widowers and 6 married, one resident of the institution and 7 community residents. 5 reported using the resources learned in the course in their daily lives, and 2 don't use, one for not have a computer at home and another for not like computer. The resources are used more were email, internet (for shopping, research and entertainment), text editor and games (for memory stimulation and pleasure). Participation favored social inclusion, as facilitated communication with other people and family and created new social circle composed of course colleagues and monitors. All consider themselves digitally included, although reporting is necessary to improve the knowledge. **Conclusion:** This study allowed to discuss the process of digital inclusion from the perspective of aging and the main factors that influence this process of inclusion, noting that digital inclusion can have great impact on the lives of the elderly, facilitating the tasks performed in their daily lives and improving their quality of life.

Keywords: Digital inclusion, elderly and social inclusion.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1	POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL .....	12
1.2	INCLUSÃO DIGITAL.....	16
1.3	O IDOSO E A INCLUSÃO DIGITAL .....	18
1.4	INCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL .....	21
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>24</b>
2.1	OBJETIVO GERAL.....	24
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	24
<b>3</b>	<b>MÉTODOS</b> .....	<b>25</b>
3.1	LOCAL DA PESQUISA .....	26
3.2	SELEÇÃO DA AMOSTRA.....	26
3.3	PROCEDIMENTOS .....	26
3.4	ANÁLISE DOS DADOS .....	27
<b>4</b>	<b>CONTEXTUALIZANDO AS OFICINAS</b> .....	<b>29</b>
4.1	PERFIL DA AMOSTRA .....	29
4.2	UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DE INFORMÁTICA NO COTIDIANO .....	32
4.3	INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO APRENDIZADO DE INFORMÁTICA....	36
4.4	INCLUSÃO DIGITAL APÓS PARTICIPAÇÃO EM OFICINAS DE INFORMÁTICA .....	38
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>47</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>50</b>
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	50
	APÊNDICE B – Roteiro de Debate para Grupo Focal .....	52
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>53</b>
	ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética/ Faculdade de Saúde .....	53
	ANEXO A - Transcrição do Grupo Focal .....	54

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos resultados do Censo publicados pelo IBGE em 2010 observa-se que há um alargamento do topo da pirâmide etária, em que população com 60 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passa a 5,9% em 2000 e chega a 7,4% em 2010. No mesmo ano, visualiza-se também que 38,3% dos domicílios do país possuíam computador e 30,7% dos domicílios tinham acesso à internet. (IBGE, 2010). Ao cruzar estes dados um questionamento é levantado: como essa população idosa se comporta diante dos recursos que essa nova tecnologia, presente a cada dia mais nos lares brasileiros, disponibiliza? (MIRANDA, 2009).

O que se vê é que a informatização está muito presente na sociedade atual, e começa a exigir da população que tenha noção do tema para que possa resolver as ocorrências do cotidiano de forma independente. Caso não tenha algum conhecimento de informática, segundo Pretto (1996 apud BEZ; PASQUALOTTI; PASSERINO, 2006), a pessoa será considerada uma analfabeta do futuro, ou seja, aquela que não consegue interpretar a linguagem digital.

Por trás desta imposição da sociedade, é possível também perceber diversos benefícios, tanto cognitivos quanto sociais proporcionados pela inclusão digital. Segundo Sé (2005, p. 3):

Em qualquer faixa etária a inclusão digital traz benefícios, tais como, informação rápida, aquisição de novos conhecimentos, atualização de conhecimentos gerais, ampliação das redes de relações, sociabilidade, conectividade com a contemporaneidade, melhoria da autoestima e autoeficácia.

Estudos anteriores (BEZ, 2006; KACHAR, 2003; NUNES, 2006) mostram a importância do tema e apontam a pouca quantidade existente de estudos relacionados, explicitando o quanto é importante que sejam realizadas novas pesquisas para que o assunto seja difundido no meio acadêmico e na sociedade, já que a inclusão digital é capaz de trazer diversos benefícios à população idosa.

Além disso, para Lopes e Souza (2010, p. 96):

O desenvolvimento de atividades de inclusão social, associadas às atividades físicas e intelectuais adequadas incorporadas aos esforços diferenciados para garantir o aprendizado do idoso se torna imprescindível para prevenir o isolamento social e doenças típicas ao envelhecimento.

Após tais afirmações, evidencia-se a importância da realização de estudos acerca da inclusão digital diferenciada do idoso, inclusão esta que pode proporcionar o desenvolvimento de diversas das atividades citadas por Lopes e Souza.

A escolha do tema para esta pesquisa se deu através de experiência da pesquisadora com oficinas de informática para idosos, em que foi possível perceber que idosos desta coorte em geral apresentam dificuldade em lidar com a informatização por não terem nascido na era digital.

O presente estudo pretende colaborar com a compreensão da complexidade acerca da inclusão digital e participação dos idosos nos contextos social e digital vividos atualmente, além de contribuir com outras pesquisas e iniciativas que incentivam a criação de ambientes de ensino de informática próprios para idosos, buscando abordagens adequadas de interação dos idosos com o computador de acordo com as necessidades e a condição biopsicossocial deles.

Para realizar o que é proposto, primeiramente fez-se um levantamento bibliográfico para a identificação dos temas relacionados. No presente capítulo, apresentam-se as considerações teóricas acerca dos temas abordados neste estudo: população idosa, inclusão digital, o cotidiano do idoso, considerações sobre a inclusão digital do idoso, possibilidade de inclusão social do idoso por meio desta inclusão digital e o possível impacto que esta inclusão digital pode ter no cotidiano do idoso.

Nos capítulos seguintes serão descritos: os objetivos do estudo, a metodologia empregada, serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa e no último capítulo serão feitas as considerações finais.

## 1.1 POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL

Existe uma convenção determinada em Assembleia pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) que define a faixa etária dos 60 anos de idade como o início da velhice, mas faz uma distinção quanto ao local de residência dos idosos. Determina o período de 65 anos como a faixa etária de início da velhice em países desenvolvidos e o período de 60 anos em países em desenvolvimento (OMS, 2000). É por volta desta idade que várias mudanças físicas e psicológicas tendem a se tornar evidentes (FERREIRA, 2005).

Diante desta afirmação é importante lembrar que:

O envelhecimento não é algo que se dá a partir dos sessenta anos, apesar de ser essa a idade demarcada para a categoria de idoso, é um processo contínuo, tanto nos aspectos biológicos como sociais (KACHAR, 2003, p. 75).

O Brasil é um país em desenvolvimento, que está deixando de ser caracterizado como um “país de jovens”, pois a população tem apresentado mudanças nas taxas médias de crescimento, o que altera a estrutura etária (IBGE, 2010). Em 1900, 44% da população estava na faixa entre 0-14 anos e 3,3% com mais de 60 anos. Já em 1991, 34,7% encontrava-se entre 0-14 anos e 7,4% com mais de 60 anos. Essa progressão anuncia para 2025 uma duplicação da proporção relativa da população idosa para 15,1% (KACHAR, 2003). A estimativa é que em 2020 o número de idosos no país será superior a 25 milhões de pessoas, o que corresponderá a aproximadamente 12% da população total (IBGE, 2008). Além disso, segundo dados do IBGE (2010), em 2000, para cada idoso (com 60 anos ou mais de idade) “aproximadamente 12% estavam na faixa etária chamada de potencialmente ativa (15 a 64 anos). Já em 2050, para cada pessoa com 60 anos ou mais de idade, pouco menos de 3 estarão na faixa etária potencialmente ativa.”

O que se vê é que nos últimos anos, o país vem apresentando um novo padrão demográfico que se caracteriza pela redução da taxa de crescimento populacional e por transformações profundas na composição de sua estrutura etária, com um significativo aumento do contingente de idosos (IBGE, 2009)

A seguir pode-se observar uma projeção da pirâmide etária para o ano de 2050:

Figura 1: Pirâmide etária em 2050



Fonte: IBGE, Censo demográfico 2011.

Essa transformação provoca mudanças, tanto econômicas quanto sociais, e exige que a sociedade se adapte para melhor reagir ao crescimento desta população específica. Para isso é necessário melhorar as políticas direcionadas ao idoso e proporcionar a eles campos de aprendizado, seja para seu lazer, seja para sua produtividade.

Segundo Glock (2005 apud NUNES, 2006) pesquisas realizadas com idosos sobre a questão do envelhecimento apontam que, embora seja comum, inicialmente, a demonstração por parte dos idosos de um sentimento de incapacidade de aprendizagem atribuído à idade, este começa a diminuir à medida que eles percebem e demonstram aos outros que ainda são capazes de aprender e se atualizar.

Ainda assim, não se pode esquecer que fatores biológicos podem dificultar o processo de aprendizado do idoso. O envelhecimento biológico, processo natural ao ser humano, é um período onde pode haver perdas orgânicas naturais ou

patológicas, perdas estas que podem ser provocadas pelo tempo e também por condições inadequadas de vida. Segundo Santos (2005, p. 25), tais perdas são capazes de provocar no idoso “uma redução tanto das capacidades físicas quanto sensoriais”. O idoso pode se tornar cada vez mais lento, o que requer mais tempo de resposta para o aprendizado e para a memorização. Além disso, estas alterações podem interferir não só na capacidade produtiva do idoso, mas também em sua integração familiar e comunitária (SANTOS, 2005).

Diante disso, a educação do idoso deve ter como foco a sua inserção na sociedade como cidadão e, principalmente o respeito pelas suas características e necessidades (LOPES E SOUZA, 2010).

O que se percebe atualmente é que com o aumento da expectativa de vida o idoso passou a ser um sujeito mais ativo na sociedade, ansiando por projetos futuros e acompanhando as transformações tecnológicas, o que talvez se de devido ao fato de que população idosa constitui uma parte importante de sociedade, pois reflete não só as mudanças biológicas, mas também as convenções sociais e culturais (LOPES E SOUZA, 2010) Antigamente, devido à questão da aposentadoria, os idosos eram associados diretamente a uma ideia de incapacidade de produção, mas esta visão tem passado por modificações, pois esta parcela da população tem grande importância no que se refere à economia, já que possuem hábitos de consumo fixos e tem renda mais estável (SANTOS, A., 2010).

Além disso, atualmente procura-se intensamente prolongar o ciclo biológico do ser humano, oferecendo aos idosos, para isso, melhores condições de vida e controle de doenças (SANTOS, A., 2010). Para se ter qualidade de vida, busca-se, quando possível, um envelhecimento com capacidade funcional, ou seja, a capacidade de realizar as atividades de vida diária (alimentar-se, tomar banho, se vestir, tarefas de autocuidado, etc.) de forma independente.

Para Santos, A. (2010, p. 59):

[...] um envelhecimento de maneira saudável, significa, além de estado de saúde física satisfatório, a necessidade por parte dos indivíduos, de reconhecimento, respeito, segurança e saúde e sentir-se parte de uma comunidade que lhes permita expor suas experiências e ações.

O que se vê é que a sociedade moderna não permite mais que se associe a velhice apenas com doenças e limitações, tanto que atualmente já se criam cursos,

clubes e institutos voltados especialmente para esta parcela da população, o que demonstra como o olhar direcionado a velhice vem se transformando ao longo do tempo (SANTOS, A., 2010).

Assim, além do maior acesso à informação, proporcionado pela tecnologia, o idoso vem tendo novas oportunidades nos mais diversos contextos, inclusive no lazer, podendo assim ressignificar sua existência, sua aprendizagem, e “consequentemente a sua importância como cidadão possuidor de direitos e garantias legais” (GASPARI, 2005 apud MIRANDA, 2009, p. 07).

Estas oportunidades disponibilizadas ao idoso podem ser favorecidas diante de um processo atual que ganha espaço em todo o mundo e que é cada vez mais necessário perante todas as populações para que estas sejam inseridas no mundo moderno em sua totalidade. Este processo é conhecido como inclusão digital. Todas estas questões apresentadas até o momento devem ser consideradas para que este processo ocorra de forma integral, caso contrário, os obstáculos acabarão se tornando um fator de exclusão e isolamento social para o idoso.

## 1.2 INCLUSÃO DIGITAL

Inclusão digital é o processo de democratização do acesso às tecnologias do mundo atual, de forma a permitir a inserção de todos na sociedade informatizada. É também uma forma de simplificar o cotidiano, maximizar o tempo e as suas potencialidades. Um indivíduo incluído digitalmente não é aquele que apenas utiliza essa nova linguagem para trocar e-mails, mas sim aquele que usufrui desse suporte para melhorar as suas condições de vida (BRASIL, 2002).

Em outras palavras, segundo Boaventura (2011, p. 05):

Pode-se definir minimamente este processo como a universalização do acesso ao computador conectado à Internet, bem como, ao domínio da linguagem básica para manusear a máquina com autonomia. Porém não se deve parar por aí, é imprescindível que sejam incorporadas habilidades para aprender a aprender, aprender a identificar as informações confiáveis para uma posterior utilização de forma ética e segura.

Ao aprofundar os estudos sobre tal definição se encontra ainda o termo *apropriação tecnológica*, que é um dos sentidos que a inclusão digital pode assumir por tentar dar conta “dos efeitos da circulação de uma mesma tecnologia entre pessoas/grupos diferentes que, se apropriando dela, usam-na para produzir e

superar desigualdades dentro do grupo e/ou entre grupos.” (BUZATO, 2009, p. 06). Ou seja, quando o indivíduo se apropria do uso da tecnologia ele é capaz de utilizá-la para diversas atividades, como produção, relacionamento social, aprendizagem, lazer e outras.

Segundo o Ministério do Planejamento (BRASIL, 2002):

Inclusão digital é exercício de cidadania - Todo o cidadão ou cidadã deve ter o direito de acessar a internet e utilizar um email. A cidadania na era da informação impõe o direito a se comunicar, armazenar e a processar informações, independente de condição social, capacidade física, visual, auditiva, gênero, idade, raça, ideologia e religião.

Este conceito é apenas um dos focos distintos no discurso governamental do país e nas propostas de inclusão. Em 2000, o Ministério da Ciência e Tecnologia, lançou um documento de incentivo a inclusão digital, denominado Sociedade da Informação no Brasil - Livro verde, que aponta uma proposta de ações composta de planejamento, orçamento, execução e acompanhamento de programas que proporcionem essa inclusão a população.

Segundo o Ministério da Ciência e Tecnologia (BRASIL, 2005) nesse processo de inclusão digital podem ser observados alguns objetivos centrais, tais como:

Trabalha a inclusão digital voltada à ampliação da cidadania, buscando o discurso do direito de interagir e o direito a se comunicar através das redes informacionais. Está voltado mais à educação. Reivindica a importância da formação sociocultural e orientação diante do dilúvio informacional, no fomento de uma inteligência coletiva capaz de assegurar a inserção autônoma do país na sociedade informacional.

Como atualmente a comunicação via informática é uma das mais utilizadas, a inclusão digital de todo cidadão é algo que deve acontecer para que se busque uma participação social integral.

De acordo com o Ministério da Ciência e Tecnologia (2005) pode-se facilmente apontar que as sociedades humanas se organizam como sociedades dependentes da tecnologia, pois dificilmente encontram-se exemplos históricos de sociedades ricas ou com qualidade de vida avançada em países que não dominam ou usam as principais tecnologias de seu período.

No entanto, para Miranda (2009) o uso da internet e a disseminação de informação por meio dela tornaram mais evidentes os indivíduos que não fazem uso frequente do computador, conhecidos como excluídos digitais e que a exclusão está relacionada, na maioria das vezes, ao baixo poder aquisitivo e ao fato de ser idoso. Porém, alguns estudos identificam que os idosos vêm buscando a inclusão digital cada vez mais (MIRANDA, 2009).

A atualidade e o que se vive agora nos leva a repensar antigas concepções a respeito do idoso, e a mudar a ideia de que o uso das novas tecnologias era destinado apenas para os mais jovens.

### 1.3 O IDOSO E A INCLUSÃO DIGITAL

Para BEZ; PASQUALOTTI; PASSERINO (2006) os recursos de informação, rádio, televisão, telefone, fax, DVD, computador e internet são disseminadores de culturas, valores e padrões sociais de comportamento. Cada vez mais o ser humano cria dependência pelos recursos eletrônicos, que passam a coexistir no dia a dia de todos (BEZ; PASQUALOTTI; PASSERINO, 2006). Tal fato atinge também a parcela idosa da população, que vê a informatização impregnada em seu cotidiano, seja enquanto tenta manipular o controle remoto ao assistir uma reportagem, ou quando vai ao banco retirar o seu pagamento e se depara com os caixas eletrônicos. Devido à dificuldade em lidar com tal informatização, cada vez mais os idosos transferem a realização de tarefas pessoais a terceiros.

Os idosos da geração atual podem apresentar dificuldades em entender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos, até mesmo nas questões mais básicas, como o uso de eletrodomésticos, celulares e caixas eletrônicos. Para Kachar (2003, p. 70) “todas essas mudanças podem tornar o idoso um elemento de exclusão social”.

Porém, a partir do levantamento bibliográfico sobre a inclusão digital de idosos, foi evidenciado que, assim como qualquer outra, esta faixa etária tem todo o direito e capacidade de participar da inclusão digital e utilizar tal experiência como benefício para gerenciar situações do seu cotidiano. Diversas pesquisas (NEVES, 2006; NUNES, 2006; XAVIER, 2004) demonstram que os idosos têm capacidade

cognitiva suficiente para aprender a utilizar estes novos recursos, mesmo necessitando de atendimento diferenciado. E Sé (2005, p. 03) evidencia que:

Quando se constata déficits na aprendizagem destes para a informática, estes estão relacionados mais a fatores emocionais, como insegurança, baixa autoestima, fatores psíquicos, pedagógicos, fatores pessoais, econômicos, culturais, geopolíticos, históricos e sociais, do que ao processo biológico de envelhecimento em si.

Em pesquisa realizada por Nunes (2006) verificou-se que a inclusão digital contribui na capacitação de idosos para utilização de recursos informatizados na atualização da linguagem, na comunicação com o mundo e auxilia na sua integração com a família. O computador pode ampliar as oportunidades de trabalho, de lazer, de relações sociais, de enriquecimento pessoal, de ensino, de aprendizagem e abrir novas perspectivas para o idoso (ARANTES, 2001).

Assim, pode-se concluir que o idoso pode enfrentar o desafio da informatização, de estar incluído digitalmente na sociedade, o que o estimulará a estar disposto a adquirir outros conhecimentos culturalmente relevantes e/ou úteis para si, que refletem, acima de tudo, na sua convivência com os demais (NUNES, 2006). E o que pode contribuir para que os idosos percebam a importância da sua inclusão no universo digital é conhecer os benefícios que a informática pode lhe trazer e como esta pode facilitar o seu cotidiano, contribuindo também para a construção de condições de acessibilidade.

Além do que já foi citado, a inclusão digital de forma diferenciada é um direito do idoso garantido por lei. O Estatuto do Idoso (Lei Federal nº 10.741) foi criado em 2003 com o objetivo de promover a inclusão social e garantir os direitos de todo cidadão idoso. O Estatuto (BRASIL, 2009, p. 29) diz que:

#### Capítulo V

##### Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer:

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. Sendo assim os cursos especiais para idosos deverão incluir conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

Mesmo que o desempenho de algumas atividades realizadas pelo idoso tenha diminuído, isso não inviabiliza o domínio do recurso tecnológico, apenas exige um contexto educacional específico que atenda às condições de aprender sobre o

computador. Devido à necessidade desse atendimento diferenciado, espaços para ensinar informática para idosos são oferecidos por todo o Brasil por meio de oficinas.

Segundo Nunes (2006):

Oficinas constituem “espaços” pedagógicos teórico-práticos criados para vivência, reflexão/reconstrução de conhecimento: são espaços em que se aprende fazendo a partir de problematização, investigação, descoberta e cooperação.

Ainda sobre a caracterização de oficinas, Ferreira e Nunes (2008 apud FREITAS, 2011) enfatizam que a interface, ou seja, o aspecto do computador, deve ser apresentável e satisfazer as necessidades do usuário. Por isso devem-se considerar questões como apresentação visual, uso adequado da combinação de cores, comportamentos inesperados do equipamento, níveis de habilidade e comportamento do usuário, etc. Nesse sentido, Kachar (2003) acrescenta que devem ser consideradas a linguagem e a abordagem pedagógica adotada.

Além disso, a rede de relacionamentos humanizada que as oficinas trazem pode ser capaz de proporcionar nos idosos um processo de aprendizagem que não seria possível sem intermédio de adaptações de acessibilidade e cooperação de pessoas capacitadas para tal (XAVIER, 2004).

Para King, citado por KACHAR (2003, p. 82):

O advento da tecnologia provê a pessoa da terceira idade oportunidades para se tornar um aprendiz virtual, fornecendo educação continuada, educação a distância, estimulação mental e bem-estar. Ela possibilita ao indivíduo estar mais integrado em uma comunidade eletrônica ampla; coloca-o em contato com parentes e amigos, num ambiente de troca de ideias e informações, aprendendo junto e reduzindo o isolamento por meio da experiência comunitária.

Segundo ORDONEZ; YASSUDA; CACHIONI (2010), pesquisas apontam que os idosos têm apresentado interesse e capacidade em ganhar autonomia através de atividades com o uso de computadores. Eles têm percebido que a inclusão digital é capaz de lhes trazer diversos benefícios, melhorando as suas funções mentais, atividades de lazer e ainda promovendo a sua inclusão social, além de facilitar o seu cotidiano.

Aqui, entende-se por cotidiano o conjunto de atividades realizadas por uma pessoa no seu dia-a-dia. Segundo Galheigo (2003) são aquelas que estão incluídas

na rotina, porém com o acréscimo de acontecimentos ocorridos em espaços sociais, tempos diversos, pessoas e objetos variados.

Além de todos os outros benefícios já citados, a inclusão digital possibilita uma maior aproximação e interação com os filhos e netos, por ser uma atividade que passa a ser significativa e de interesse de ambos e principalmente por ocasionar o reconhecimento do potencial do idoso para a aprendizagem da tecnologia e de uma nova linguagem, até então concebidas como domínio dos mais jovens. (NUNES, 2006).

Entre os diversos profissionais que podem oferecer oficinas de informática, encontra-se o terapeuta ocupacional, que é capacitado para auxiliar o idoso no processo de inclusão digital. A Terapia Ocupacional é uma profissão da área da saúde que estuda a atividade humana e a utiliza como recurso terapêutico.

Segundo a Universidade de Brasília (2008), o objetivo da profissão é:

[...] criar condições favoráveis para a reabilitação, inserção social e melhoria da qualidade de vida de pessoas com dificuldades no desempenho de suas atividades do cotidiano (cuidados pessoais, mobilidade, comunicação, manutenção da casa, escola, etc), trabalho e lazer. A Terapia Ocupacional busca compreender os aspectos que afetam a capacidade da pessoa para se engajar nessas atividades e ocupações significativas, com a finalidade de melhorar, mediante o tratamento adequado, a independência, autonomia, o bem estar e a satisfação pessoal de seus clientes.

O terapeuta ocupacional visa à promoção de qualidade de vida e autonomia do idoso, além da prevenção e reabilitação de disfunções cognitivas, físicas, motoras, sensoriais e mentais. Com relação à inclusão digital, o terapeuta ocupacional pode explorar o uso do computador e outros eletrônicos como recurso terapêutico para atingir as finalidades citadas acima. Outra ação deste profissional é promover o contato com a tecnologia de maneira facilitada, realizando a intervenção e adaptações necessárias ao idoso.

#### 1.4 INCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL

Segundo Moreira (2006 apud ALONSO, 2010, p. 05),

[...] inclusão social pode ser entendida como a ação de proporcionar às populações que são social e/ou economicamente excluídas – ao terem

acesso reduzido a bens materiais, educacionais, culturais, etc - oportunidades e condições de serem incorporadas à parcela da sociedade que pode usufruir esses bens. Em um sentido mais amplo, a inclusão social envolve também o estabelecimento de condições para que todos os habitantes do país possam viver com adequada qualidade de vida e como cidadãos plenos, dotados de conhecimentos, meios e mecanismos de participação política que os capacitem a agir de forma fundamentada e consciente.

Segundo Freitas (2011, p.17):

[...] é nesta mistura de relações que se compreende a matriz sócio-histórica como sendo pano de fundo para a formação do sujeito. Nesta se percebe a múltipla relação entre os elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais que influenciam as pessoas e as modificam perante o contexto em que se vive. É no meio social que o sujeito busca o espaço para experiências e, conseqüentemente, seu desenvolvimento.

Gunther (2011) afirma que para manter o bem-estar e evitar a solidão, as pessoas precisam de diversos apoios sociais, que podem envolver familiares ou não familiares. A integração social, reafirmação como pessoa e dos papéis sociais são parte deste apoio e auxiliam na manutenção da qualidade de vida.

A exclusão digital é capaz de dificultar a redução da exclusão social, isso porque as principais atividades econômicas, governamentais e boa parte da produção cultural da sociedade estão passando a ser divulgadas e desenvolvidas na rede digital (SILVEIRA, 2001).

Para Bez et al. (2009, p. 03) “é paradoxal que, frente aos avanços tecnológicos ocorridos no século XXI, ainda tenhamos que justificar que a inclusão digital promove a inclusão social.” Tendo em vista que hoje o acesso à tecnologia constitui uma condição importante para a inclusão social de pessoas no mundo da informação compreende-se o quão justificável é a afirmação do autor.

Segundo Xavier (2004, p. 01), “a interação ser humano-computador é um agente do processo de inclusão social e digital.” Dessa forma, o uso das novas tecnologias pode auxiliar a reinserção dos idosos nas relações sociais contemporâneas, combatendo a exclusão social, transformando-se em um espaço de comunicação, de troca com as pessoas e de aprendizagem constante.

Estudos anteriores (BEZ; PASQUALOTTI; PASSERINO, 2006) evidenciam que alguns dos idosos que procuram por programas de inclusão digital estão em busca de processos de inclusão social e de atualização. Porém, para Alonso (2010) a inclusão digital não garante a inclusão social: é necessária, mas não suficiente. Já

para Neri (2004 apud CUBILLOS, 2009), mesmo que não seja suficiente, a inclusão digital se apresenta como um dos meios mais eficazes para que a inclusão social aconteça, sendo necessário para isso considerar que o contexto social e histórico no qual os idosos contemporâneos desenvolveram-se era diferente do contexto tecnológico em que se vive atualmente e que por isso se deve, assim como já foi dito anteriormente no presente estudo, elaborar e aprimorar políticas de aprendizagem mais eficientes destinadas especificamente a inclusão digital da população idosa, o que possivelmente tornará esse processo suficiente à promoção da inclusão social.

Sales (2007, p. 05) afirma ainda que, ao saber utilizar o computador e os recursos de comunicação contidos nele para facilitar a proximidade física e social com os familiares e outros membros da sociedade, “o idoso possui um pilar de sustentação para aumentar e manter a existência de um grupo social e melhorar a autoestima”.

Além disso, segundo Gunther (2011), para o idoso a qualidade dos relacionamentos sociais é mais importante que a quantidade na determinação da satisfação com a vida e com a saúde física e mental, o que talvez explique o fato de que, através da informática, idosos têm buscado mais reinserção e reafirmação da rede social do que a ampliação desta.

A comunicação com familiares e amigos, a atualização pessoal e a busca por informação e conhecimento são questões ligadas à participação social “na realização de atividades necessárias para a vida contemporânea e comum a grande parte dos sujeitos de convívio dos idosos” (VIEIRA, 2009, p. 04). Assim evidencia-se o importante aspecto social do processo de inclusão digital do idoso, processo este no qual eles poderão criar uma nova rede de amigos, buscar informações sobre assuntos de interesse pessoal e sobre o que acontece ao seu redor e no mundo, além de reaproximá-los da família. Tais atividades podem inserir o idoso novamente no meio social em que vive.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL:

Verificar o impacto da oficina de informática no cotidiano dos idosos participantes.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Constatar se os idosos utilizam os recursos aprendidos na oficina de informática em outros contextos de vida;
- Identificar quais recursos de informática são aplicados no seu dia-a-dia e como são aplicados;
- Verificar se a participação em tal oficina favorece a inclusão social e como isso ocorre;
- Verificar se os idosos se consideram incluídos digitalmente após a participação na oficina de informática.

### 3 MÉTODOS

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (UnB), sob o parecer nº 171/2011 (ANEXO A), para apreciação ética antes do início da coleta de dados. Toda a pesquisa se baseou nos parâmetros de diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde.

Trata-se de um estudo exploratório desenvolvido com uma abordagem qualitativa ao se propor investigar fatos ocorridos na sua complexidade e singularidade, utilizando metodologia de grupo focal.

Acredita-se que esta foi a melhor forma de investigação para se compreender as questões abordadas no presente estudo, pois, segundo Neves (2006, p. 01)

[...] a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos, dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo.

A escolha de abordagens qualitativas foi realizada por conformar melhor investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos (MINAYO, 2008), que é exatamente o que objetiva o presente estudo.

A metodologia de grupo focal escolhida para realizar o estudo é uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante certo período de tempo, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico (NETO, 2002).

Esta técnica foi escolhida, pois se acredita que é uma boa maneira de se compreender o impacto da inclusão digital no cotidiano dos idosos através da sua percepção e ponto de vista, sendo que o grupo focal possibilita aos pesquisadores observar tal fato por meio da fala e debate entre os maiores envolvidos no estudo. O valor principal dessa técnica fundamenta-se na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos (MINAYO, 2008).

Dessa forma, abaixo será descrito como foi realizada a pesquisa.

### 3.1 LOCAL DA PESQUISA

A coleta de dados foi realizada na Associação São Vicente de Paulo – Lar dos Velhinhos de Taguatinga, Distrito Federal, local onde são realizadas as oficinas de informática do Projeto TO Clicando. O Projeto TO Clicando é um projeto de extensão da Universidade de Brasília – Campus Ceilândia, em parceria entre o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, o Programa Providência e o Lar dos Velhinhos. Este projeto é desenvolvido por estudantes de terapia ocupacional e supervisionado por docentes do curso, oferece oficinas de informática, oficinas de memória, oficinas de lazer e de atividades manuais, com objetivo de promover a inclusão digital e social de idosos.

### 3.2 SELEÇÃO DA AMOSTRA

Foram convidados a participar deste estudo, idosos com 60 anos ou mais, de ambos os sexos, que participaram das oficinas de informática do Projeto de Extensão TO Clicando no período de março de 2011 a janeiro de 2012. A amostra foi selecionada por conveniência, e o grupo focal foi composto por oito idosos que obedeceram aos seguintes critérios de inclusão:

- Ter idade igual ou maior que 60 anos;
- Ter participado de oficinas de informática oferecidas pelo Projeto TO Clicando;
- Ter concluído ao menos um módulo da oficina com no mínimo 75% de frequência.

### 3.3 PROCEDIMENTOS

Os participantes do projeto foram informados via telefone sobre o presente estudo pela equipe responsável por esta pesquisa, equipe esta que é composta pela docente orientadora Dra. Kátia Vanessa, pela docente coorientadora Me. Carolina Becker e pela discente Daiane Maciel dos Santos. Os idosos que apresentaram interesse foram contatados pelas pesquisadoras responsáveis também via telefone

para maiores esclarecimentos e convite para participarem deste estudo. Aqueles que mantiveram o interesse em participar da pesquisa após os esclarecimentos iniciais, foram orientados a comparecer ao Lar dos Velhinhos em data agendada para a realização da coleta de dados de acordo com a disponibilidade de todos os integrantes da pesquisa. Na data da coleta, receberam explicações detalhadas sobre os objetivos e procedimentos do estudo. Após lerem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) e concordarem em participar do estudo posteriormente aos devidos esclarecimentos, cada participante assinou e recebeu uma cópia do TCLE. Deu-se início então a coleta dos dados.

Os dados foram coletados por meio da técnica de grupo focal. Este foi dividido em três etapas, que aconteceram em um encontro de aproximadamente 2 horas, utilizando-se como instrumento um roteiro de debate para grupo focal (APÊNDICE B). Este roteiro foi construído pelas pesquisadoras de acordo com os objetivos deste estudo apresentados anteriormente. O encontro foi registrado via gravação digital e anotações com permissão dos participantes.

Este roteiro utilizado no grupo focal foi construído em três questões-chaves, as quais foram organizadas desta maneira para delimitar o tempo de discussão sobre cada tema e nortear os objetivos da pesquisa a serem respondidos.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo, ou seja, a utilização de uma técnica cujo objetivo é a busca dos sentidos dos dados obtidos. Segundo Bardin (2011, p. 37) a análise de conteúdo pode ser definida como “um conjunto de técnicas de análise de comunicação”, e para complementar ele cita também a definição dada por Berelson (1971 apud BARDIN, 2011) que diz que esta é “uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”.

Esta técnica foi escolhida, pois, de acordo com Minayo (2008, p. 303) “permite tornar validas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos”.

Para melhor análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo como uma análise dos significados, através da análise temática. Segundo Minayo (2008) a análise temática é a mais apropriada para pesquisas qualitativas em saúde, pois, está diretamente ligada à noção de tema, que consiste em uma afirmação a respeito de determinado assunto, comportando um feixe de relações podendo ser representada graficamente através de uma palavra, de uma frase ou de um resumo. Operacionalmente, a análise temática é dividida em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação (Minayo, 2008).

A análise temática foi conduzida segundo a afirmação de Bardin (2011, p. 80):

Podem-se multiplicar os desmembramentos temáticos, classificando e dividindo as significações do discurso em categorias em que os critérios de escolha e de delimitação seriam orientados pela dimensão da análise, ela própria determinada pelo objetivo pretendido.

Assim, primeiramente foi transcrita a gravação do grupo focal e depois ordenada segundo os temas, que foram definidos tendo como base os objetivos específicos a serem respondidos. Ainda para esta análise, cada idoso foi identificado pela letra P, de participante, seguida por um número (ex: P1) para que assim sejam mantidas em sigilo as informações dos participantes.

## 4 CONTEXTUALIZANDO AS OFICINAS

Para melhor compreensão do estudo, faz-se necessário contextualizar a forma como ocorriam as oficinas de informática frequentadas pelos participantes da pesquisa.

As oficinas de informática do Projeto TO Clicando eram divididas em nível básico e avançado. Contavam com a orientação de dois ou três monitores dependendo do grau de dificuldade apresentado pela turma, que é composta por dez idosos. Cada encontro acontecia em 1 hora, sendo que a oficina ocorria duas vezes por semana e tinha duração de aproximadamente três ou quatro meses. Foram realizadas cerca de cinco turmas de nível básico no primeiro e segundo semestre de 2011, e outras cinco no verão de 2012. As oficinas de nível avançado começaram a ser realizadas apenas no segundo semestre de 2011, sendo que foram duas turmas neste semestre e outras duas no verão de 2012.

O idoso que se inscrevia no projeto participava inicialmente do nível básico, no qual aprendia a ligar e desligar o computador, digitar, manusear o mouse, utilizar editor de texto e de apresentações de slides, e por fim, a acessar email e internet. Caso este mesmo idoso, ao finalizar o curso tivesse interesse em continuar o aprendizado ele poderia se inscrever para participar do nível avançado, onde aprofundaria os conhecimentos aprendidos no nível básico.

### 4.1 PERFIL DA AMOSTRA

A amostra foi composta por 8 idosos, com idade média de 70,75 anos de idade, variando de 60 a 82 anos. Destes, apenas 2 já se conheciam, por ter frequentado a mesma oficina de nível básico. O perfil deles é diversificado, sendo que alguns possuem nível superior, outros não, dentre outras características. Para melhor identificá-los, encontram-se descritos no quadro abaixo alguns dados dos 8 participantes.

Para a elaboração deste perfil, foram utilizados dados fornecidos pelos próprios participantes durante a sua apresentação no grupo focal e ao longo da realização deste.

Quadro 1 - Perfil dos Participantes.

**Participante P1**

A participante tem 70 anos, é residente da comunidade. Tem 3 filhos e mora com o marido. Possui ensino superior completo e é professora aposentada. Participou de uma oficina de informática de nível básico no primeiro semestre de 2011 e da oficina de nível avançado no verão de 2012. Antes do curso possuía conhecimentos mínimos de informática, sabia acessar a internet, mas não navegava com eficiência. Atualmente relata conseguir utilizar o computador sem auxílio.

**Participante P2**

Esta participante tem 71 anos e reside no Lar dos Velhinhos a mais de 10 anos. Diz ser casada e não ter filhos, porém não recebe visitas de nenhum familiar ou pessoas próximas. É analfabeta, sabendo apenas assinar o próprio nome. Participou de uma oficina de informática de nível básico no primeiro semestre de 2011 e de outra do mesmo nível no segundo semestre do mesmo ano após requisitar aos monitores que queria continuar naquele nível. Não possuía conhecimento algum sobre informática, foi ao curso para socializar-se com os monitores e ser alfabetizada com a ajuda do computador e dos monitores.

**Participante P3**

O participante tem 70 anos, é casado e residente da comunidade. Tem 3 filhos e mora com a esposa. É enfermeiro e militar aposentado da marinha. Participou de uma oficina de informática de nível básico no primeiro semestre de 2011, era da mesma turma que a Participante P1. Diz ser autodidata em computação e por isso possuía mais conhecimento em informática que toda a sua turma, sendo que a oficina serviu para ele mais como forma de aprofundar conhecimentos, aprender algumas coisas novas e tirar dúvidas com os monitores.

**Participante P4**

A participante tem 60 anos, é residente da comunidade e é viúva. Tem 2 filhos e atualmente mora com a filha. Possui ensino médio completo e é professora de culinária. Participou de uma oficina de informática de nível básico no segundo semestre de 2011. Tinha pouquíssimo conhecimento de informática antes de participar da oficina, porém exigia o auxílio da filha sempre que precisasse utilizar o computador. Após o curso adquiriu autonomia no uso da máquina e a utiliza como

ferramenta em sua profissão.

#### **Participante P5**

Esta participante tem 77 anos, reside na comunidade. É casada, tem 6 filhos e reside com o marido, uma filha e três netos. Estudou até a 5ª série, atualmente é dona de casa. Participou de uma oficina de informática de nível básico no segundo semestre de 2011. Não tinha nenhum conhecimento sobre informática, apresentando dificuldade em lidar com o computador, principalmente por não ter tempo de utilizá-lo em casa, já que dedica grande parte de seu tempo ao cuidado com seus familiares.

#### **Participante P6**

A participante tem 82 anos, é viúva e residente da comunidade. Tem 1 filha. Mora com uma irmã mais velha, a filha e uma neta. Atualmente está cursando a segunda série do ensino fundamental no Ensino para Jovens e Adultos (EJA). Participou de uma oficina de informática de nível básico no verão de 2012. Não tinha conhecimento algum de informática e teve grande dificuldade em acompanhar a turma, já que não possui computador em casa para praticar o que era aprendido. Após o curso, diz ter se esquecido de quase tudo que aprendeu pelo fato de não praticar.

#### **Participante P7**

O participante tem 71 anos, é casado e residente na comunidade. Tem 3 filhos e mora com a esposa. Possui ensino superior completo e é funcionário aposentado do GDF. Participou de uma oficina de informática de nível básico no primeiro semestre de 2011, junto a sua esposa que foi quem o levou a fazer o curso. Antes possuía conhecimento mínimo de informática, mas aprendeu praticamente tudo o que sabe durante a oficina

#### **Participante P8**

A participante tem 65 anos, é casada e residente da comunidade. Tem 3 filhos e mora com o marido. Possui ensino superior completo, é professora aposentada. Participou de uma oficina de informática de nível básico no segundo semestre de 2011. Tinha algum conhecimento de informática antes de participar do curso, porém dependia de que alguém próximo a auxiliasse durante a utilização. Atualmente utiliza a máquina de forma independente.

## 4.2 UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DE INFORMÁTICA NO COTIDIANO

Durante a primeira etapa do grupo foi possível identificar se os participantes utilizam em seus diversos contextos de vida os recursos que foram aprendidos na oficina de informática. Seis participantes relataram que utilizam estes recursos no seu cotidiano e dois disseram não utilizar, sendo a não utilização justificada por um participante por não possuir computador em sua residência e o outro por afirmar que não gosta de computador, mas que se necessário sabe utilizar os recursos.

Diante da justificativa do último participante sobre não gostar de computador, pode-se perceber a necessidade que encontram, nos dias atuais, de estarem inseridos no mundo digital. Mesmo não apreciando o uso da informática, ele, acompanhando a esposa, procurou o curso para aprender a utilizar a informática e assim ter o conhecimento necessário caso precise. Segundo Kachar (2003), o idoso visualiza grande necessidade de inserir-se na dinâmica atual, de sentir-se incluído, envolvido no processo de desenvolvimento da sociedade e conectado ao mundo moderno.

P5 afirmou ainda:

“Eu não estou [utilizando os recursos de informática em casa] porque não comprei computador ainda pra mim treinar em casa, minha neta tem e leva o dela pro trabalho. Mas se tivesse estaria utilizando, porque aqui a gente aprende mas depois esquece tudo”

P5

P5 demonstra com esta fala algo peculiar sobre o aprendizado de novas habilidades: o que foi aprendido com dificuldade, geralmente exige prática para que não seja esquecido. Tal peculiaridade, apesar de se apresentar em maior grau nesta faixa etária, não é própria apenas dos idosos, pois em qualquer idade, caso não se pratique a habilidade adquirida continua-se tendo dificuldade ou até esquecendo-se a forma de utilizá-la.

P1, complementando o que foi dito por P5, disse que sempre fazia os exercícios aprendidos em aula ao chegar a sua residência e relatou que assim percebeu a importância de praticar o que se aprende. P8 disse que conta com o auxílio de familiares quando necessário e que foi estabelecido uma comunicação

entre as gerações de sua família sobre a informática, mantendo trocas de conhecimentos adquiridos:

“Sempre que tenho um tempinho eu mexo, sou muito curiosa. Minha filha sabe muito então quando preciso digo, corre aqui minha filha e me ajuda. Às vezes quero sair de um lugar e não consigo. Teve um dia que ensinei a ela como aumentar as letras [nos site], e ela disse que nem ela sabia disso. Fiquei toda feliz, pois consegui ensinar a minha filha, que é jovem.”

P8

Santos (2007 apud VERONA, 2006), em sua pesquisa com idosos alunos de curso de informática, relata que eles têm motivação para o uso da Internet com os propósitos de se ocupar, de conhecer novas pessoas e estabelecer novos vínculos pessoais, e que com o tempo de prática os idosos se sentem satisfeitos, e até comparam seu desempenho com o de filhos e netos. Tal fato é facilmente verificado na fala da participante deste grupo, ao relatar que ficou feliz por ensinar algo a sua filha, que detinha grande conhecimento.

Ainda sobre a interação com a família e a troca de conhecimentos adquiridos P8 relatou:

“Meus filhos me botaram muito medo de vírus, ai fico com receio de mexer. Eles falaram que a internet está cheia de armadilhas, então tenho medo.”

P8

Com esta afirmação de P8 é possível perceber o receio que a família ainda apresenta perante a utilização do computador pelo idoso. Demonstrem o temor de que o idoso acesse sites que não deveria por falta de conhecimento e assim permitam que vírus sejam instalados na máquina, e devido a isso fazem constantes advertências ao idoso, que pode passar então a utilizar a máquina com mais cautela do que já utilizava.

Após esta fala de P8 sobre vírus, P1 relatou a importância de utilizar o antivírus:

“Eu tenho um programa que fica chamando atenção, fica dizendo não clica aqui não, porque senão vai entrar um vírus aí. É uma coisa que foi alertada aqui né.”

P1

Com estas falas as participantes apresentam outro recurso utilizado por eles, que é o antivírus. Além disso, percebe-se a linguagem diferenciada utilizada pelos idosos para descrever programas ao dizer que o antivírus fica lhe alertando sobre o

que não fazer. Esta linguagem demonstra, talvez, a forma que eles desenvolvem para compreender melhor o uso destas ferramentas, assim como a fala abaixo de P5 sobre a ferramenta de correção gramatical do editor de textos:

“Quando to digitando (no editor de textos) digo para os monitores “socorro, vem matar a cobrinha vermelha”. Porque quando ela aparece sei que é porque tem alguma coisa errada”.

P5

A ferramenta sublinha com uma linha vermelha a palavra que está incorreta, e para melhor compreendê-la, P5 desenvolveu a sua própria forma de identificá-la. Evidencia-se com estas falas o que afirma Lopes e Souza (2010), quando diz que o aprendizado do idoso apresenta particularidades que o diferencia do aprendizado de crianças e jovens e este deve ser respeitado e adequado à realidade desta população. Essa dificuldade em lidar com os termos utilizados na informática é demonstrada também na fala de P7:

“a minha esposa fez curso lá fora pra aprender durante um ano. O que ela aprendeu aqui foi mais que lá fora. Um das coisas que ela sentiu dificuldade também é que lá fora eles utilizam muito termo em inglês, e aqui eles (os monitores) evitam utilizar.”

P7

A literatura apresenta também alguns benefícios proporcionados por espaços de aprendizagem voltados a idosos, como por exemplo, a promoção de efeito terapêutico, já que trazem benefícios à saúde física e psicológica, e a formação de redes sociais e afetivas, uma vez que o idoso pode fazer novas amizades (CACHIONI, 2011), o que demonstra mais uma razão pela qual se deve promover cursos e oficinas de informática para idosos, respeitando as peculiaridades de aprendizagem do idoso.

Segundo Lopes e Souza (2010), o aprendizado de algo novo garante a ocupação do idoso, mantendo-o sempre em atividade intelectual e física, além de oferecer diversas oportunidades de inserção social e eventualmente produtiva. É o que se vê nas falas dos participantes P3 e P4, principalmente quando é citada a utilização destes recursos de informática como ferramentas de trabalho. P4 utiliza a internet e o editor de textos como ferramentas para seu trabalho. Ela é professora de culinária e pesquisa receitas e as edita para dar aulas.

“Durante o dia eu uso pra fazer minhas receitas, mexer na internet. Antes tinha que pedir pra minha filha fazer pra mim, agora faço sozinha.”

P4

P3 utiliza destes recursos para auxiliá-lo em seu trabalho voluntário de evangelização de jovens. Através desta informação dada pela participante e também do que disseram outros acerca da utilização destes recursos em seus contextos de vida, evidencia-se o ganho de autonomia e independência proporcionado pelo conhecimento da informática.

Além disso, foi possível observar também que os participantes utilizam da internet para manterem-se informados sobre o tema saúde:

“Uso pra ver doenças também. Ta sendo muito bom.” (P4)

É interessante perceber que com o acesso a tecnologia, a postura do idoso nos serviços de saúde também se modifica. Este, que antigamente chegava ao consultório sem qualquer conhecimento acerca da doença ou sintomas apresentados, atualmente já procura informações na internet sobre a possível doença que lhe acomete. Diante disso, é importante que, nas oficinas, o idoso seja orientado com relação à crítica sobre os conteúdos veiculados na internet e que, independente do que for visualizado no acesso à rede virtual, eles devem consultar profissionais de saúde que os orientem de forma específica.

Ouvindo todos os participantes, foi possível verificar que os recursos que mais utilizam em seu cotidiano são: a internet, na qual dizem acessar páginas de pesquisa e email, sendo estes os mais citados por eles, além de editores de texto. A participante P6 relatou não utilizar nenhum destes, mas sim jogos de memória e outros, como jogos de cartas contidos no computador. Um fator isolado, mas que chamou atenção foi a referência do Participante P3 sobre a utilização do moodle, página na internet criada propriamente para grupos de estudo. Este participante afirma que tal ferramenta o ajudou bastante em um grupo de evangelização do qual é monitor.

“Gosto do MSN e do moodle. O grupo de evangelização que participo, tem uma página no moodle e isso ajudou bastante na minha comunicação com os jovens.”

P3

Quando questionados sobre quando estes recursos são utilizados, quatro deles responderam que utilizam em sua residência no período da noite, que é quando tem maior tempo livre.

“Uso muito a noite, como tenho outras coisas pra fazer prefiro usar a noite. Quando tenho um tempinho gosto muito de jogar paciência.”

P3

Apenas as participantes P1 e P8 relataram ter computador próprio e a sua disposição para utilizá-lo quando sentem vontade, os outros referiram ter que dividir a máquina com outros membros da família. Aqui se percebe a importância de estes idosos terem o acesso ao equipamento também fora do contexto da sala de aula, para que possam praticar assim memorizar o aprendizado com mais facilidade, já que, como dito anteriormente a capacidade de memorização do idoso pode apresentar limitações.

Ainda sobre o uso da internet, P8 relatou o seguinte:

“Entrei na internet e fui comparar o preço de um freezer, ai tava bem mais barato que na loja e eu comprei. Meus filhos me elogiaram por ter comprado sozinha.”

P8

Nunes (2006), em seu estudo com 24 idosos acerca da inclusão digital destes, constatou que o uso dos recursos informatizados permite ao idoso mostrar seu potencial de aprendizagem, possibilitando a reconstrução de suas concepções e de seu cotidiano. Além disso, evidencia-se nesta fala de P8 a importância do apoio familiar diante de algo novo que ela realiza.

Com o depoimento de P3 transcrito abaixo, se verifica mais um recurso utilizado para lazer:

“Eu tinha muita dificuldade de mexer com pendrive. Mas ai os monitores me ensinaram e hoje eu gravo músicas pra ouvir no carro. Baixo as musicas no site 4shared. Então eu aprendi muitas coisas, ouço muita música agora.”

P3

Diante disto e do relato destes idosos percebe-se o quanto é importante que se sintam capazes de usufruir desta tecnologia após o curso e assim facilitar sua

vida, como por exemplo, quando utilizam para auxiliá-los em algum trabalho ou realizar alguma tarefa, ou até mesmo para o seu próprio lazer.

Perante as afirmações citadas acima, conclui-se que os participantes do grupo focal fazem uso de recursos disponibilizados e ensinados nas oficinas de informática, conforme apresentado anteriormente.

#### 4.3 INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO APRENDIZADO DE INFORMÁTICA

Na segunda etapa do grupo focal, buscou-se avaliar se a participação destes idosos na oficina de informática favoreceu o seu relacionamento social e possibilitou a sua inclusão social por meio do uso do computador. Todos responderam que sim, fazendo as devidas observações.

P7 fez o seguinte relato:

“foi excelente, conheci e tive contato com mais nove pessoas da oficina e com as monitoras que foram, acima de tudo, carinhosas”.

P7

P8 apresentou uma visão diferente. Disse que, apesar de a oficina ter favorecido o seu relacionamento social, sentiu falta de um maior contato com os distintos idosos e monitoras de sua oficina:

“Aqui no curso senti falta de uma integração porque tinha pouco tempo, tinha monitoras que só vinham uma vez na semana. Achei que faltou um relacionamento melhor entre nós, participantes das oficinas.”

P8

Cursos de inclusão digital para idosos podem representar mais do que o acesso a tecnologia, mas também inserir-se no contexto de relações sociais e integração do idoso, na criação e manutenção de novas amizades com colegas, professores e monitores (VIEIRA, 2009). A fala de P8 demonstra a importância também da integração entre participantes durante a oficina, o que evidencia que os participantes deste grupo não estão em busca apenas do aprendizado da informática, mas também da convivência social que o grupo pode proporcionar.

Todos os participantes concordaram que, mesmo que talvez a integração entre colegas de oficina não tenha sido a esperada por eles, a inclusão social foi possível de diversas maneiras, como evidencia P1 na fala a seguir:

“Antes eu não sabia mexer em computador, mas agora eu até me comunico com meus parentes. Está sendo excelente.”

P1

Neste caso, P1 demonstra a possibilidade de um novo meio de comunicação com os parentes, proporcionada pelo aprendizado adquirido na oficina de informática. Além disso, por meio da fala “está sendo excelente” (sic) evidencia a sua satisfação com o fato de agora ser capaz de não só utilizar o computador, mas de poder utilizá-lo de forma que a aproxima dos seus familiares. Nesse sentido, pesquisa norte-americana constatou que 3 em cada 5 idosos que utilizam internet identificaram melhora no contato com a família (FOX, 2000 apud VIEIRA, 2009).

Ao citarem as redes sociais, P3 fez a seguinte afirmação:

“uma coisa que entrei por causa da minha neta foi o Orkut [site de relacionamento], mas depois vi que é muito vulnerável. Poe foto, faz pose, expõe a pessoa. Tem gente que é obcecado por aquilo, coloca tudo “ah hoje eu respirei profundamente”, é o tipo de ação que pra mim não convém. Do Facebook [outro site de relacionamento] gostei menos ainda. Tenho um amigo que mora em Santos, faz 30 anos, procurei e não o encontrei. É tranqüilo, mas não gosto”.

P3

O depoimento de P3, e a concordância do grupo com o que ele fala demonstram a posição destes idosos diante de redes sociais da internet. Acostumados a outros tipos de rede social, os idosos veem sua privacidade invadida ao serem expostos no meio virtual. Muito do que é postado na rede é considerado inadequado por eles. Além disso, se vê também a dificuldade em encontrar amigos antigos neste meio, o que se explica talvez pelo fato de que o amigo, que provavelmente também é idoso ainda não frequenta este meio. Ou seja, não basta que apenas um grupo de idosos esteja incluído digitalmente para que seja reestabelecido contato com um grupo social antigo, isso não irá ocorrer se o idoso que se encontra distante também não souber utilizar a informática.

Diante da fala dos participantes ao longo da realização do grupo focal, percebe-se também que a inclusão social do idoso através da inclusão digital ocorre de diversas maneiras, como por exemplo: através da internet, com a troca de emails entre parentes e colegas, através da interação entre participantes e monitores das

oficinas de informática e também através do ato de compartilhar o uso do computador ou os conhecimentos adquiridos com os familiares.

O que se viu também após a análise dos dados foi que, mais que a inclusão social definida anteriormente, os idosos buscam reinserção e ampliação das suas redes sociais já vivenciadas. É o que fala Ordóñez (2010), quando afirma que os idosos buscam na rede virtual a possibilidade de se reinserir na sociedade e em seus grupos de relacionamentos. “Ao compreender seu funcionamento, eles criam subsídios que servirão de assunto em interações futuras com amigos e familiares” (ORDÓÑEZ, 2010, p. 03). A informática proporciona, assim, novos meios para estarem presentes no mesmo universo que seus filhos, netos, sobrinhos e outros.

#### 4.4 INCLUSÃO DIGITAL APÓS A PARTICIPAÇÃO EM OFICINAS DE INFORMÁTICA

Na última etapa do grupo focal, verificou-se que os idosos consideram-se incluídos digitalmente. Até mesmo P7, que havia dito não fazer uso da informática em sua residência por não gostar de utilizar o computador, fez a seguinte observação:

“eu afirmei que não mexia, mas é porque eu tenho quem faça pra mim. Hoje se preciso eu sei fazer. Sou daquele que só utiliza por necessidade. Peço um computador, porque lá em casa tem 3, e vou lá e faço o que tenho que fazer”

P7

P7 demonstra em sua fala que, mesmo tendo alguém para auxiliá-lo, ele buscou aprender informática para que, caso necessite, tenha os conhecimentos exigidos e considera que, dessa forma, alcançou a sua inclusão digital.

Para que melhor fosse definida esta questão, foi perguntado aos participantes o que eles entendem por inclusão digital. Sendo assim P8 definiu da seguinte maneira:

“É entrar no meio da comunicação através da internet. A gente que é mais velho se sente pra trás né, aí quando a gente começa se sente bem porque tá fazendo o que os jovens fazem. Se sente incluída no meio dos jovens, de qualquer idade né, porque consegue fazer o que eles fazem.”

P8

A aceitação da velhice e das possíveis limitações decorrentes do envelhecimento é algo pelo qual todo ser humano tem que passar ao longo desse processo. Os idosos, ao se depararem com um mundo digital, onde veem crianças e jovens sendo capazes de utilizar diversos aparelhos com tamanha facilidade, são levados a reconhecer e aceitar estas limitações e transpor obstáculos para que também sejam incluídos neste meio.

Após exporem sua própria definição, a moderadora do grupo distribuiu um cartão, no qual havia um breve texto extraído do site do Ministério do Planejamento sobre inclusão digital:

Inclusão digital – exercício de cidadania - Todo o cidadão ou cidadã deve ter o direito de acessar a internet e utilizar um email, armazenar e a processar informações, independente de condição social, capacidade física, visual, auditiva, gênero, idade, raça, ideologia e religião.

Ministério do Planejamento (2002)

O objetivo da moderadora ao executar tal ação era incitar uma discussão entre eles acerca da inclusão digital como cidadania e visualizar qual era o olhar deles acerca das limitações para tal acesso. Diante disto P8 fez a seguinte observação:

“No cartão diz que todo cidadão deve ter acesso, agora ter já é diferente. Tem muita gente que não tem condições porque não é de graça né, tem um custo. [...] Mas acho que ainda vai demorar pra dizer que todo cidadão vai estar incluído, por questões sociais. Acho que as capacidades não atrapalham tanto, mas sim as questões sociais mesmo.”

P8

Com este relato iniciou-se uma discussão sobre o que é dito na definição de inclusão digital do Ministério do Planejamento. A maioria dos participantes disse achar que o que mais interfere para que a pessoa possa realmente participar da inclusão digital são as condições sociais e econômicas. Eles mostraram que, segundo o seu ponto de vista, as outras características consideradas incapacitantes, como idade e deficiências não são realmente um limite, pois existem diversos caminhos a se seguir para enfrentá-las, como exemplificou o participante P3 na fala abaixo:

“Acho que a única coisa que interfere é o interesse, quem não tiver interesse não aprende. Pra incapacidade física, a gente vê aí pessoas

clicando com o lápis na boca ou na testa. Visual tem o braille, auditivo também tem aparelhos. Hoje em dia não tem tanta dificuldade.”

P3

O participante evidenciou alguns dispositivos que podem auxiliar pessoas que apresentam incapacidades no uso de computador e outros aparelhos, como, por exemplo, a ponteira, chamada por P3 de “lápis na boca ou na testa”. Estes são conhecidos como tecnologias assistivas, ou seja, qualquer material, objeto ou equipamento empregado para incrementar, manter ou melhorar as capacidades funcionais de indivíduos com incapacidades (JACOBS, 2006).

Ao serem perguntados se acham que a idade interfere neste processo, apenas três participantes concordaram que interfere:

“Acho que quando é jovem é mais fácil de aprender coisas novas. A idade interfere, pois a memória vai falhando e a gente tem mais responsabilidade com os filhos, netos, mais preocupação.”

P6

Para ela e as outras duas participantes, quando se é jovem se tem mais facilidade de aprender e não esquecer, já com a idade avançada se esquece rapidamente o que foi aprendido. Para os outros cinco participantes, basta que a pessoa tenha condições mentais de aprender. Ser idoso para eles não interfere no aprendizado de algo novo:

“Idade interfere quando tem problemas de saúde, de cabeça e não tem condição. Quando tem condições físicas e mentais ok não tem barreira, a barreira é o interesse. A internet mais o computador são uma diversão para a terceira idade.”

P8

É o que demonstra P8 na fala abaixo:

“Essa proposta do curso para idosos foi muito boa, porque eu antigamente tinha vergonha de entrar em outros cursos e chegar lá só tinha jovens e eu não sabia fazer nada, eu fazia tudo devagarzinho porque com a idade a gente fica mais lento né.”

P8

A divergência de opinião dos participantes sobre a questão de se a idade influencia ou não no aprendizado, conforme as falas citadas acima deixa claro que alguns encaram o processo pelo qual passam de forma diferente de outros. O que se percebe também diante da fala destes participantes é que para eles, o esforço e

interesse em aprender se sobrepõe a qualquer dificuldade que poderia ser provocada pela idade, como a lentidão, por exemplo.

Ainda para Kachar (2003) a oportunidade de o idoso tornar-se um aprendiz virtual, que poderá continuar sempre adquirindo conhecimento, é um benefício incomparável e isso lhe proporciona bem-estar e estimulação mental. Diante desta afirmação percebe-se o porquê P8 relata em depoimento citado acima que o computador é uma diversão para a terceira idade caso haja interesse em aprender.

Além disso, através das falas diversas destes participantes observa-se também a heterogeneidade do grupo. Cada idoso pode apresentar diferentes condições para aprender e diversidade imensa no universo cultural, nas experiências vividas e na maturidade para lidar com a vida. A idade não é em si um fator decisivo para definir as possibilidades e as limitações para aprender do idoso (KACHAR, 2003). Cada um com a sua subjetividade tem o seu modo, tempo e dificuldade de aprender, enxergando este aprendizado de forma diferente.

Outra observação feita pelos entrevistados acerca do tema foi que é preciso sempre buscar mais conhecimentos, pois a informática está em constante mudança e o que eles aprenderam na oficina foi o necessário para se considerarem incluídos no mundo digital, mas para permanecer nele é preciso estar sempre se aperfeiçoando.

“Eu aprendi muita coisa aqui, mas se demorar a usar eu esqueço. Eu me sinto incluída, mas tem que ter continuidade, senão não adianta.”

P6

Os participantes foram perguntados ao final desta etapa sobre as vantagens e desvantagens que veem no uso da informática. A maioria respondeu que a informação que recebem através da internet é uma das maiores vantagens, e também a facilidade para realizar compras e verificar contas.

“Posso ver vídeos que perdi na programação da televisão. Tem também a vantagem de fazer compras. Entrei na internet e fui comparar o preço de um freezer, ai tava bem mais barato que na loja e eu comprei. A informação é muito útil.”

P8

O que se percebe é que computadores e tecnologias da comunicação oferecem um potencial de melhorar a qualidade de vida e o bem-estar de idosos,

fornecendo-lhes informações e serviços externos à sua residência, contribuindo para facilitar a vida das pessoas que têm dificuldade ou dependem de outros para se deslocarem ou realizarem tarefas.

Como desvantagem, um deles citou as redes sociais, pois para ele, e também para os outros, que concordaram com seu depoimento, são páginas da internet que deixam o indivíduo muito exposto caso não saiba utilizar. Além disso, eles não conseguiram encontrar nenhum parente ou amigo antigo através destas redes sociais. Tal fato pode ocorrer devido a noção de segurança que os idosos tem e o receio de se expor, sendo assim, preferem não utilizar estes sites de relacionamento. Além disso, pertencem a uma geração que prefere o contato pessoal, enquanto a geração atual está mais habituada as amizades virtuais.

Os idosos veem a tecnologia e as ferramentas digitais como algo útil. Acreditam que sua utilização pode trazer benefícios e melhorar a qualidade de vida, no sentido de que proporciona o acesso a informações e serviços que não encontram em suas residências. Não só para questões domésticas ou relacionadas a finanças, a internet é percebida por estes indivíduos como um meio de distração e socialização (ORDONEZ, 2010). Esta afirmação foi bem evidenciada nas diversas falas dos participantes desta pesquisa.

Segundo Bosi (1994 apud SANTOS, 2005, p. 26), “durante a velhice devemos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”. Talvez seja essa uma forma de lutar contra os danos do tempo e talvez também por isso a procura pelo aprendizado tecnológico tem aumentado de forma tão perceptível.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve a intenção de demonstrar o impacto que o uso de tecnologias digitais causa no cotidiano dos idosos. Mesmo este sendo um processo recente e sua apropriação um desafio, pode ser perfeitamente enfrentado e ultrapassado caso recebam a atenção diferenciada de que necessitam e à qual tem direito. Essa população enfrenta dificuldades e obstáculos por não estar acostumada ao atual uso da tecnologia, que exige uma linguagem com a qual não estão familiarizados e o uso complexo de recursos digitais nas atividades do cotidiano.

Foi constatado no estudo que os idosos participantes da pesquisa utilizam os recursos aprendidos nas oficinas de informática fora do contexto da sala de aula. Assim, é possível constatar que os recursos disponibilizados são úteis e aplicáveis em seus contextos de vida, seja para auxiliá-los no trabalho ou em suas compras ou até mesmo em momentos de lazer. Para isso eles utilizam de diversos recursos, como editores de texto, sites de busca, email e outros.

Inicialmente, esta pesquisa indicou que o uso destas tecnologias é uma novidade que exige adaptação em termos operacionais, ou seja, modificar o tamanho das letras, o contraste da tela do computador, entre outros. Também aponta a necessidade de um processo de ensino e aprendizado diferenciado, seja no lidar com novos equipamentos ou na utilização de programas, com a assimilação de conceitos e vocabulários próprios de uma nova área.

É evidenciado que a participação dos idosos desta pesquisa em oficinas de informática facilitou sua inclusão social ao possibilitar, por meio de um ambiente diversificado, interação e participação em diferentes ambientes e contextos. Através das oficinas eles puderam fazer novas amizades com monitores e colegas de turma. Foi possível verificar ainda que estas tecnologias podem levar a novas experiências em um sentido mais profundo, que é a ampliação e reestruturação das relações sociais dos idosos.

Com essa experiência e com os conhecimentos adquiridos nas oficinas, os idosos consideraram-se incluídos digitalmente, e reconheceram a necessidade de buscar atualizações frequentes das informações e práticas relacionadas a informática. Relataram que caso não busquem essa atualização, logo se tornarão analfabetos digitais novamente, já que a tecnologia está em constante movimento.

Para eles, o aprendizado proporcionado pela oficina possibilitou autonomia e independência nas atividades do cotidiano, pois utilizando os seus conhecimentos eles não precisarão mais de auxílio constante para realizar tarefas antes realizadas por familiares ou terceiros.

Por consequência da presença frequente na sociedade de atividades que envolvem tecnologia digital, os idosos foram motivados a aprender a utilizar essas tecnologias de informação. Porém, ao longo da participação na oficina, o uso destas tecnologias proporcionou uma nova ação na realidade cotidiana, e se configurou em uma diferente possibilidade de interação e participação social destes idosos.

Além disso, a reflexão acerca dos achados nesta pesquisa possibilita a percepção do fato de que muitas vezes o indivíduo está tão submerso na vida cotidiana que não se dá conta de como estas tecnologias adentraram em sua vida em tão curto espaço de tempo. Esse fato gera um impacto no cotidiano de cada um, mas principalmente daqueles que ainda não dominam o uso dos equipamentos, recursos de informática.

Quando existem alterações de contexto pessoal, há a possibilidade de o idoso apresentar dificuldades em desempenhar seus papéis ocupacionais, interferindo na realização das atividades de autocuidado, produtividade, lazer, de forma individual, ou seja, com autonomia. Diante disso, o acesso ao conhecimento da informática através da inclusão digital, pode auxiliar tanto o idoso que apresenta limitações, como o idoso saudável na realização destas atividades e também nas atividades instrumentais de vida diária (AIVD), como por exemplo, no ato de pagar uma conta ou fazer compras por meio da internet. Evidencia-se então como esse processo pode colaborar na manutenção dos papéis ocupacionais e componentes de desempenho do idoso.

É observado ao término do estudo que a inclusão digital tem condições de causar grande impacto na vida do idoso, pois lhe proporciona lazer e novos conhecimentos, facilitando as tarefas desempenhadas em seu cotidiano e melhorando sua qualidade de vida. É importante que esta população tenha a oportunidade de participar de todos os âmbitos da atual sociedade, em que a tecnologia está presente em muitos contextos.

Os dados coletados permitiram perceber alguns pontos que podem ser melhorados nas oficinas e assim facilitar o aprendizado do idoso, como por exemplo, que as turmas sejam separadas de acordo com o nível de escolaridade e também com o conhecimento prévio da informática, possibilitando assim um grupo mais homogêneo.

O presente estudo evidencia a importância da realização de outras pesquisas envolvendo idosos e o uso de tecnologias digitais, com o objetivo de investigar novos métodos e estratégias de aprendizagem voltadas especialmente para esta população, através de programas de ensino diferenciados e oficinas de informática para idosos que facilitem o seu aprendizado.

Foram identificadas algumas limitações do estudo, a saber: o fato de ter sido realizado apenas um encontro do grupo focal, impossibilitando uma coleta de dados mais aprofundados; a heterogeneidade do grupo, que apresentou diferentes níveis de conhecimento de informática, escolaridade e disponibilidade de acesso a computador. Sendo um estudo de caso, a generalização dos resultados requer cautela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, L.B.M.; FERNEDA, E.; SANTANA, G.P. **Inclusão digital e inclusão social: contribuições teóricas e metodológicas**. Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 32, jan./jul. Rio Grande do Sul, 2010.
- ARANTES, R.P.G. **Velho com olhar novo: a informática redimensionando as relações**. Rev. Kairós São Paulo, v.4, n.2, p.39-53, dez. 2001
- ARAÚJO, R. C. T. A participação escolar de alunos com deficiência na percepção de seus professores. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.2, p.283-296, Mai.-Ago. 2010.
- BARDIN, L. **Análise de comunicações em massa: o horóscopo de uma revista**. In: Análise de conteúdo. 2ª edição. São Paulo, 2011. p. 77-82.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso**. 2ª Edição. Brasília – DF. p. 17. 2009.
- BEZ, M.R.; PASQUALOTTI, P.R.; PASSERINO, L.M. **Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale**. Centro Universitário – Feevale. Novo Hamburgo – RS, 2006.
- BOAVENTURA, P.S.P; et al. A prática de alfabetização em informação e comunicação em saúde: o olhar dos agentes comunitários de saúde sobre o projeto de inclusão digital em Sergipe, Brasil. **Comunicação saúde educação** v.15, n.38, p.937-46. Sergipe, 2011.
- BUZATO, M.E.K.; Cultura digital e apropriação ascendente: apontamentos para uma educação 2.0. **Educação em Revista**, v.26 n.03 p.283-304. Belo Horizonte - MG, 2010.
- CACHIONI, M.; FALCÃO, D.V.S. Velhice e educação. In: FALCÃO, D.V.S.; ARAUJO, L.F. **Psicologia do envelhecimento**. 2ª edição. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011. cap. 10. 175 – 194.
- CUBILLOS, D.A.C.V; SILVA, A.S.A.C. **Inclusão digital: sistemas de engrenagens**. Liinc em Revista, v.5, n.1, p. 32 – 44. Rio de Janeiro – RJ, 2009.
- FERREIRA, A. J. **Concepção de envelhecimento de um idoso autor: Um estudo de caso**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2005.
- FREITAS, G.A. **Adultos idosos do ciberespaço: Interação e Relacionamento no Mundo Virtual**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2011.
- GALHEIGO, S. M. O Cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo** v.14 n.3 São Paulo dez. 2003.

GUNTHER, I.A. Envelhecimento, relações sociais e ambiente. In: FALCÃO, D.V.S.; ARAUJO, L.F. **Psicologia do envelhecimento**. 2ª edição. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011. cap. 10. 175 - 194

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISTICA. **Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil, v.25**. 2009. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic\\_sociosaude/2009/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/default.shtm)>. Acesso em: 22 set. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISTICA. **Resultados definitivos do Censo 2010**. 2011. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1866&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1)>. Acesso em: 2 ago 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISTICA. **Projeção da população**. 2012. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2008/piramide/piramide.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm)> Acesso em: 2 ago 2012.

JACOBS, K.; JACOBS, L. **Dicionário de Terapia Ocupacional – Guia de referência**. 4ª Edição. São Paulo – SP: editora ROCA, 2006. p. 95.

KACHAR, V. **Terceira Idade e Informática: aprender revelando potencialidades**. Cortez. São Paulo – SP, 2003. 208 p.

LOPES, M.; SOUZA, R.M.Q. Desafios para Educação do Idoso no Terceiro Milênio. In: MALAGUTTI, W.; BERGO, A.M.A. **Abordagem interdisciplinar do idoso**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2010. cap. 9. p. 91 – 100.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em saúde**. 11ª Edição. São Paulo – SP: Ed. Hucitec, 2008. p. 315 – 316.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Sociedade da Informação no Brasil - Livro verde**. Brasil. Brasília. 2000.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Inclusão Digital, Software livre no governo do Brasil**. Brasil. 2005. Disponível em: <[http://www.softwarelivre.gov.br/artigos/artigo\\_02/](http://www.softwarelivre.gov.br/artigos/artigo_02/)> Acesso em 10 de março de 2012.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. **Observatório Nacional de Inclusão Digital**. 2002. Brasil. Disponível em <<http://onid.org.br/portal/>> Acesso em 30 de outubro de 2011.

MIRANDA L.M; FARIAS S.F. As contribuições da internet para o idoso: uma revisão de literatura. **Interface Comum Saúde Educação**. 2009; 13(29):383-94.

NETO, O.C.; MOREIRA, M.R.; SUCENA, L.F.M. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. Fiocruz. São Paulo – SP, 2002.

NEVES, J.L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, São Paulo. 2006.

NUNES, V.P.C. **A inclusão digital e sua contribuição no cotidiano de idosos: possibilidade para uma concepção multidimensional de envelhecimento**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Indicadores de saúde para idosos**. 2000. Disponível em: < <http://new.paho.org/bra/> >. Acesso em: 23 set. 2011.

ORDONEZ, T. N; YASSUDA, M. S.; CACHIONI, M. **Elderly online: Effects of a digital inclusion program in cognitive performance**. Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2010.

SANTOS, A.M. Aspectos Sociais da terceira idade na sociedade atual. In: MALAGUTTI, W.; BERGO, A.M.A. **Abordagem interdisciplinar do idoso**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2010. cap. 9. p. 57 – 66.

SANTOS, L. A. **Tecnologias de informação e comunicação: o e-mail redimensionando as relações sociais de idosos**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP, 2005.

SALES M.B; GUAREZI R.C; FIALHO F.A.P. Infocentro para a terceira idade: relato de experiência de aprendizagem por pares. **Rev Digital CVA Ricesu**. 2007; 4(13).

SÉ, E.V.G. **Mente na terceira idade – inclusão digital**. UNICAMP. Campinas – SP. 2005.

SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Terapia Ocupacional**. 2008. Disponível em: < [http://www.unb.br/aluno\\_de\\_graduacao/cursos/terapia\\_ocupacional](http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/terapia_ocupacional) > Acesso em 01 out de 2012.

VERONA, S.M; et al. Percepção do idoso em relação à internet. **Temas em psicologia** vol. 14, nº 2, 189 – 197. São Paulo – SP, 2006

VIEIRA, M. C; SANTAROSA, L. M. C. **o uso do computador e da internet e a participação em cursos de informática por idosos: meios digitais, finalidades sociais**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. RS, 2009.

XAVIER, A. et al. **Cognition, interaction and ageing: an exploratory study from Internet workshops**. Escola Paulista de Medicina. São Paulo, SP. 2004.

## APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Prezado (a) Senhor (a),**

Meu nome é \_\_\_\_\_, sou aluno (a) da Universidade de Brasília - UnB. A orientadora desta pesquisa é a professora Kátia Vanessa Pinto de Meneses e a coorientadora é a professora Carolina Becker, ambas da UnB. Temos o prazer de convidá-lo para participar voluntariamente do projeto de pesquisa, referente ao meu trabalho de conclusão de curso “O IMPACTO DA INCLUSÃO DIGITAL NO COTIDIANO DE IDOSOS”. Esta pesquisa tem por objetivo geral verificar o impacto da oficina de informática do Projeto TO Clicando na vida dos idosos participantes. Os objetivos específicos são: constatar se os idosos utilizam os recursos aprendidos em outros contextos de vida; identificar quais recursos de informática são aplicados no seu dia-a-dia e como são aplicados; verificar se a participação em tal oficina favorece a inclusão social e como isso ocorre; verificar se os idosos se sentem incluídos digitalmente após a participação na oficina de informática.

A pesquisa será realizada no Lar dos velhinhos que se localiza na Área Especial 10 – QSD – Setor D Sul, no município de Taguatinga, DF. Este projeto não lhe trará nenhum ônus financeiro, sendo que o senhor (a) pode optar ou não em participar da pesquisa, bem como recusar-se a responder perguntas que lhe ocasionem constrangimentos de alguma natureza ou abandoná-la quando quiser, sem nenhuma penalização ou prejuízo de atendimento neste serviço. O senhor (a) será identificado por um número. Portanto seu nome não aparecerá em nenhum relatório ou publicação, sendo resguardando seu direito ao sigilo. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Agradecemos sua participação nesta pesquisa, que será fundamental para o sucesso da mesma, e nos colocamos à sua disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir, pelos telefones (61) 85136338 e (61) 33767487 (Professora Kátia) e (61) 81477499 ou (61) 33772341 (Daiane Maciel); e (61) 3107-1947 (Comitê de Ética – CEP/FS-UnB).

Eu, \_\_\_\_\_, aceito o convite de participar da pesquisa, “Impacto da inclusão digital no cotidiano de idosos”.

Fui informado e suficientemente esclarecido de que esta pesquisa tem por objetivo geral verificar o impacto da oficina de informática do Projeto TO Clicando na vida dos idosos participantes. Os objetivos específicos são: constatar se os idosos utilizam os recursos aprendidos em outros contextos de vida; identificar quais recursos de informática são aplicados no seu dia-a-dia e como são aplicados; verificar se a participação em tal oficina favorece a inclusão social e como isso ocorre; verificar se os idosos se sentem incluídos digitalmente após a participação na oficina de informática.

Também me foi esclarecido que será realizado um grupo focal, com duração aproximada de duas horas, onde será promovido um debate com perguntas relacionadas à inclusão digital. Tenho ciência de que os resultados desta pesquisa serão utilizados em um trabalho de conclusão de curso de aluna da Universidade de Brasília (UnB) e posteriormente poderão ser divulgados em congressos e revistas científicas. Também fui informado que este projeto não me trará nenhum ônus financeiro, e não me trará nenhum dano físico; que posso abandoná-lo quando eu quiser, sem nenhum prejuízo. Foi-me assegurado o direito a não identificação e à confidencialidade dos dados obtidos. Estou de acordo com a realização de filmagens e fotografias para fins científicos. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Eu, \_\_\_\_\_, entendi os objetivos e todos os procedimentos da pesquisa descrita acima e concordo em participar, de livre e espontânea vontade. Sei também de meu direito de abandonar a pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Taguatinga, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do participante:

---

## **APÊNDICE B - Roteiro de debate para grupo focal**

### **Questão-chave 1) Qual motivo que o levou a procurar o Curso de Informática para Terceira Idade?**

- Já fez algum curso de informática em outro lugar?
- Porque escolheu fazer o curso de informática no lar dos velinhos?
- Qual a maior dificuldade encontrada durante a aprendizagem?

### **Questão-Chave 2) O idoso tem utilizado os recursos aprendidos?**

- Você utiliza os recursos de informática aprendidos em seu dia a dia?
- Quais recursos de informática aprendidos você utiliza no seu dia a dia?
- Como e quando você utiliza desses recursos em seu dia a dia?

### **Questão-Chave 3) Para o idoso qual a relação do uso do computador com o seu cotidiano?**

- A participação na oficina de informática favoreceu seu relacionamento social (com colegas, com familiares, com amigos, etc)?

## ANEXO A – Carta de aprovação do CEP/FS



Universidade de Brasília  
Faculdade de Ciências da Saúde  
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/FS

### PROCESSO DE ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Registro do Projeto no CEP: 171/11

Título do Projeto: “O impacto da inclusão digital no cotidiano de idosos ”

Pesquisadora Responsável: Kátia Vanessa Pinto de Meneses

Data de Entrada: 16/11/11

Com base na Resolução 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética em pesquisa com seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos e do contexto técnico-científico, resolveu **APROVAR** o projeto 171/11 com o título: “O impacto da inclusão digital no cotidiano de idosos”, analisado na 10ª reunião ordinária realizada no dia 01 de dezembro de 2011.

A pesquisadora responsável fica, desde já, notificada da obrigatoriedade da apresentação de um relatório semestral e relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (item VII.13 da Resolução 196/96).

Brasília, 01 de dezembro de 2011.

Thiago Rocha da Cunha  
Vice-Coordenador do CEP-FS/UnB

## ANEXO B – Transcrição do Grupo Focal

Participante P1: casada, 3 filhos, 8 netos. 70 anos. Professora aposentada. Primeiro curso de informática que faço. Não sabia mexer em computador, ganhei um notebook do meu filho e hoje me comunico com parentes. Está sendo excelente.

Participante P2: Sou casada também. Estou estudando na oficina graças a Deus, moro aqui no lar. Me dou bem com a informática. Idade? Tenho 71 anos.

Participante P3: 70 anos. Casado há 48 anos. Tenho 3 filhos e 5 netos. Sou enfermeiro de formação, me formei em 61. Agora sou militar aposentado da marinha. Me considero autodidata na informática, por isso já tinha alguns conhecimentos com relação a informática quando comecei a oficina. Atualmente eu estou com um problema sério, pois sou evangelizador na fraternidade espírita e tudo lá é na base do laptop e datashow e ainda não consegue mexer direito.

Participante P4: 60 anos. Sou viúva, tenho 2 filhos e 3 netos. Moro com minha filha. Nunca tinha feito curso de informática e sempre pedia para minha filha fazer as coisas pra mim, mas agora é bom, eu consigo. Nem sempre todo mundo pode fazer as coisas na hora que você quer né. Quando vou digitar já estou treinando a memória e a maneira certa de escrever.

Participante P5: sou casada e tenho 6 filhos. Também é meu primeiro curso de informática. Não aprendi quase nada, porque não tenho como ficar praticando em casa né, mas quero continuar o curso. Tenho 77 anos e fiz só até a 5ª série.

Participante P6: Sou viúva, tenho 82 anos. Eu era analfabeta né, agora to estudando, to na segunda série. Não tenho computador em casa, minha neta tem, mas leva para o serviço. Não aprendei muito no curso, acho que porque tenho pouca leitura e em casa não tenho como mexer.

Participante P7: Sou funcionário aposentado do GDF há 15 anos. 3 filhos, 2 netos. Casado. Pioneiro aqui em Brasília, cheguei durante a construção. Tenho 71 anos e

não tinha feito curso de informática, não tinha quase nenhum conhecimento sobre. Minha neta sabe muito mais que eu. Vim com minha mulher pra fazer a oficina.

Participante P8: 65 anos. Sou professora aposentada, casada e tenho 3 filhos. No computador, fazia alguma coisa que os meus filhos ensinavam, mas pouca coisa, sabia acessar a internet, entrar no banco e pagar as contas, mas muito pouco. No curso aprendi muita coisa, mas acho que foi pouco tempo o curso. Em casa tenho que me controlar um pouquinho porque gosto muito de mexer na internet. Hoje já consigo digitar e fazer outras coisinhas que aprendi. Se tivesse mais tempo pra ficar mexendo em casa acho que aprendia mais.

Moderadora explica como será conduzido o grupo, falando sobre as questões.  
Pede que alguém leia as perguntas do cartão 1

### **Etapa 1:**

Participante P3 lê a primeira pergunta: Você utiliza os recursos de informática aprendidos no curso no seu dia-a-dia?

Participante P6: Eu não estou porque não comprei computador ainda pra mim treinar em casa, minha neta tem e leva o dela pro trabalho. Mas se tivesse estaria utilizando, porque aqui a gente aprende, mas depois esquece tudo.

Participante P1: Eu estou. Inclusive qualquer exercício que era dado aqui eu chegava em casa e fazia novamente e isso foi muito bom pra mim porque foi fixando. Eu já vi que computador tem que praticar. Se me der um texto eu já consigo digitar e hoje eu estou assim surpresa porque eu consegui com a ajuda do monitor identificar o brasão da minha família na internet.

Participante P5: eu não pratico muito em casa não, mas eu faço.

Participante P7: eu não, o que aprendi aqui ficou aqui mesmo. Em casa eu não uso. Tenho dois computadores em casa, mas eu não gosto de mexer não. Sempre que vou mexer tem alguém no computador ai disfarço e saio.

Participante P3 lê segunda pergunta: Quais recursos você utiliza?

Participante P1: utilizo internet, email. Consigo receber e responder emails.

Participante P3: Eu uso muito a internet. Uso editor de textos e internet para fazer algumas pesquisas. Utilizo também o moodle no grupo de evangelização. Acho que faltaram alguns detalhes durante o curso, como por exemplo, digitação.

Participante P4: uso a internet para pesquisar receitas e o editor de textos para digitar elas.

Participante P5: geralmente estou cansada e não uso o computador em casa não, mas quando uso jogo jogos para memória.

Participante P2: uso email na oficina, pois moro no lar e não tem computador na casa, só na sala do projeto. Eu só vou na sala na hora das aulas mesmo.

Participante P8: uso a internet, sou muito curiosa, pesquiso na internet. Não digito muito texto não, mas uso o editor também. E mando e recebo email.

Participante P3 lê a terceira pergunta: Como e quando você utiliza desses recursos?

Participante P3: uso muito a noite, como tem outras coisas durante o dia pra fazer prefiro usar a noite. Quando tenho um tempinho gosto muito de jogar paciência. Ainda tenho problema pra usar parágrafo no editor de texto, não consegui aprender no curso. Sei que é preciso estar sempre aprofundando os conhecimentos.

Participante P8: só uso mais a noite, mas ninguém utiliza o computador então fica só pra mim mesmo e quando tenho tempo durante o dia procuro mexer, procurando também relembrar as coisas que aprendi. Minha filha sabe muito então quando preciso digo, “corre aqui minha filha e me ajuda”. Às vezes quero sair do local que estou e não consigo. Teve um dia que ensinei a ela como aumentar as letras e ela disse que nem ela sabia. Fiquei feliz, pois consegui ensinar. Meus filhos me botaram muito medo de vírus, ai fico com receio de mexer. Eles falaram que a internet está cheia de armadilhas, então tenho medo.

Participante P5: Quando estou digitando digo para os monitores “socorro, vem matar a cobrinha vermelha”. Porque quando aparece sei que é porque tem alguma coisa escrita errada né.

Participante P1: Eu tenho um programa que fica chamando atenção, fica dizendo “não clica aqui não, porque senão vai entrar um vírus aí.” É uma coisa que foi alertada aqui também né.

Participante P4: ultimamente eu não tenho usado, mas antigamente durante o dia eu usava pra fazer minhas receitas, mexer na internet. Uso pra ver doenças também. Ta sendo muito bom.

Professora Carolina pergunta: Quais são as vantagens e desvantagens dos recursos?

Participante P8: entro nos sites católicos, canção nova, vejo vídeos que perdi na programação. Tem também a vantagem de fazer compras. Entrei na internet e fui comparar o preço de um freezer, ai tava bem mais barato que na loja e eu comprei.

Participante P7: Eu acho que a criança aprende mais rápido porque o adulto tem medo de mexer, de fazer algo errado e a criança não.

Participante P3: A informação é uma vantagem, muito útil. Agora desvantagem, uma coisa que entrei por causa da minha neta foi o Orkut, mas depois vi que é muito vulnerável. Poe foto, faz pose, expõe a pessoa. Tem gente que é obcecado por aquilo, coloca tudo “ah hj eu respirei profundamente”, é o tipo de ação que pra mim não convém. Do Facebook gostei menos ainda. Tenho um amigo que mora em Santos, faz 30 anos, procurei e não o encontrei. É tranquilo, mas não gosto. Gosto do MSN e do moodle. O grupo de evangelização que participo, tem uma pagina no moodle.

Moderadora pergunta se conseguiram encontrar parentes ou amigos que não veem a muito tempo nas redes social e todos dizem que não.

Participante P8: Gosto de usar esses recursos de ver os lugares. Digitei lá e vi até a casa do meu irmão.

Participante P1: eu também usei, vi Maceió, de onde eu vim. Gostei muito.

## **Etapa 2:**

Participante P1 lê o cartão 2: A participação na oficina de informática favoreceu o seu relacionamento social?

Participante P2: tenho me comunicado com meus amigos

Participante P4: vejo meus parentes pela internet ali vejo as coisas que ta acontecendo com meus netos, com minhas irmãs.

Participante P3: foi excelente, conheci e tive contato com mais nove pessoas das oficinas e com as monitoras que foram, acima de tudo, carinhosas.

Participante P7: pra mim também foi válido, fiquei conhecendo mais pessoas. Uma das instrutoras é uma menina que conheci os pais dela quando se casaram, eu era vizinho deles, dos avós e acabei reencontrando eles aqui, através dela.

Participante P8: acho que na internet a gente troca cartão, email. Aqui no curso senti falta de uma integração porque tinha pouco tempo, tinha monitoras que só vinham uma vez na semana. Achei que faltou um relacionamento melhor entre nós, participantes das oficinas.

Participante P7: mas isso ocorre também por causa do prazo que é muito pequeno, porque tem outra turma pra entrar. E também quando termina a aula todo mundo tem que ir embora. É por causa do tempo, isso sempre vai existir.

Participante P2: eu tenho dificuldade para gravar nomes, mas gravo fisionomias ai reconheço as pessoas.

Participante P5: só conheci os meninos que estavam aqui comigo. Tenho memória boa pra gravar a fisionomia. Conhecia a dona Railda, mas não conseguia gravar o nome dela.

Participante P6: fiz novos amigos na informática, os monitores são maravilhosos, aprendi muita coisa com eles. Foi ótimo.

Participante P2: eu não queria fazer o curso, mas as monitoras falaram que era pra eu fazer e agora estou a um ano aqui já.

### **Etapa 3:**

Participante P7 lê a primeira pergunta: O que você entende por inclusão digital?

Participante P8: é entrar no meio da comunicação através da internet. A gente que é mais velho se sente pra trás né, aí quando a gente começa se sente bem porque tá fazendo o que os jovens fazem. Se sente incluída no meio dos jovens, de qualquer idade né, porque consegue fazer o que eles fazem.

Participante P4: inclusão digital pra mim é quando a gente participa, é tudo que acontece com a gente quando a gente tá usando o computador, na rede social.

Moderadora distribui cartão com definição de inclusão digital e professora Carolina lê.

Participante P8: No cartão diz que todo cidadão DEVE ter acesso, agora ter já é diferente. Tem muita gente que não tem condições porque não é de graça né, tem um custo. Essa proposta do curso para idosos foi muito boa, porque eu antigamente tinha vergonha de entrar em outros cursos e chegar lá só tinha jovens e eu não sabia fazer nada, eu fazia tudo devagarzinho porque com a idade a gente fica mais lento né. Mas acho que ainda vai demorar pra dizer que todo cidadão vai estar incluído, por questões sociais. Acho que as capacidades não atrapalham tanto, mas sim as questões sociais mesmo.

Participante P4: É, a inclusão fica mais pela parte financeira né, porque todo mundo direito tem né, mas não tem condições.

Participante P7: Acho que essa definição é mais uma parte política mesmo né. Porque parece que tem um projeto de governo de colocar a internet a disposição de todos brasileiros. A área rural teve um grande avanço né, mas essa proposta da inclusão pode ser que demore mais um pouco, acredito que é um projeto futuro.

Participante P1: até nos colégios mesmo é diferente. Na escola particular tem uma sala toda com computador, todo mundo mexe e tudo mais. Mas na escola pública nem tem como, e quando tem o pessoal vai lá e quebra tudo. É preciso ter uma educação social muito grande.

Participante P7: hoje em dia tem pessoas que acham que ser grosseiro é chique

Participante P3: de qualquer maneira a informática teve progresso, ajudou muito na educação sexual. Uma sala com 12 computadores e um professor pra dar aula é

mais eficaz. Deve ter o direito de acessar a internet e utilizar o email, mas a informática não serve só pra isso né. É mais política mesmo essa definição.

Moderadora pergunta se acham que a idade interfere na inclusão digital?

Participante P3: acho que não. A religião, o gênero, a raça, nada disso interfere. É uma forma atual de disseminar a cultura. Acho que a única coisa que interfere é o interesse, quem não tiver interesse não aprende, só sabe o que é computador porque vê falar. A capacidade física, a gente vê ai pessoas clicando com o lápis na boca ou na testa. A condição social também pode atrapalhar, porque o desvalido praticamente não tem nem como mexer no computador, mas não porque quer, e sim porque está naquela situação. Visual tem o braile, auditivo também tem aparelhos. Hoje em dia não tem tanta dificuldade.

Participante P8: eu acho que na idade interfere quando a pessoa tem problema de saúde. Às vezes a pessoa mais nova tem problema e não consegue mexer. Se tiver problema de cabeça né. Agora tendo boa saúde e boa cabeça, aprende. Tenho um conhecido de 94 anos, como a cabeça dele é boa e teve interesse pediu pra comprar um computador e ensinarem pra ele, hoje ele mexe em tudo, põe foto no computador, pra ele é uma diversão. Depende mais da saúde, se tiver saúde mental boa da pra aprender em qualquer idade.

Participante P1: saúde e cabeça aberta né, ajuda no desenvolvimento.

Participante P7: eu afirmei que não mexia, mas é porque eu tenho quem faça pra mim, quando preciso eu faço. Sou daquele que só utiliza por necessidade. Peço um computador, porque lá em casa tem 3 e vou lá e faço

Participantes P2, P5 e P6 dizem achar que a idade interfere.

Participante P5: quando eu era mais nova eu aprendia o crochê, o bordado, qualquer coisa mais fácil. Hoje tenho mais dificuldade.

Participante P3: eu acho que mesmo que tenha mais dificuldade, se tiver interesse aprende. Por isso, relacionando a idade com a causa acho que não.

Participante P5: mas às vezes a idade atrapalha sim. De uns tempos pra cá, to ficando mais cansada também.

Participante P7: mas às vezes dona P5, essa dificuldade que a senhora diz que o mais velho tem pra fazer eu duvido que a senhora tenha no crochê.

Participante P5: eu aprendo se tiver a amostra.

Participante P7: então, é disso que estou falando, se alguém ensinar a senhora aprende.

Participante P7 lê a terceira pergunta: A participação na oficina favoreceu sua inclusão digital?

Participante P4: eu aprendi muita coisa, tudo to aprendendo. Se correr atrás da pra melhorar né. Hoje eu sei mexer e pesquisar. Se a gente ficar só pensando em doença não vai pra frente.

Participante P7: como eu disse, eu não utilizo, mas o que eu aprendi eu sei utilizar.

Participante P8: a gente teve a iniciação né, mas tem que aprofundar. Fazer o curso avançar. Tem que sempre estar aperfeiçoando.

Participante P1: quando eu vim, praticamente já tinha um conhecimento. Achei que íamos conhecer o computador, função por função. Mas aqui teve uma apostila bem elaborada, um dia a gente ia digitar. E ai eu acho que o curso foi bom. O período era até bom, mas o curso foi pouco, não foi bem estruturado porque era básico.

Participante P4: eu acho que foi bom sim, porque começamos conhecendo o computador, ligando de baixo pra cima. Foi o básico e foi bom, porque eu aprendi tudo aqui, não sabia nada.

Participante P3: mas pra mim também foi útil, aprendi muitas coisas. Como entrar na internet e pesquisar direito.

Participante P7: a minha esposa fez curso lá fora pra aprender durante um ano. O que ela aprendeu aqui foi mais que lá fora. Umas das coisas que ela sentiu dificuldade também é que lá fora eles utilizam muito termo em inglês, e aqui eles evitam utilizar.

Participante P2: lá fora não ensina como aqui, porque os monitores sempre vêm quando a gente chama.

Participante P5: a atenção é mais individualizada. O curso é voltado pra idosos e então por isso é mais fácil de aprender que em cursos lá fora.

Participante P2: foi muito bom, porque aprendi tudo, até assinar meu nome que eu não sabia.

Participante P7: quem sabe datilografia facilita muito a aprender. Quem não sabe, pra digitar dificulta bastante, porque quando é pra digitar um texto quem sabe datilografia termina mais rápido enquanto os outros levam a aula toda.

Participante P8: acho que a parte da digitação facilita mesmo, e no curso é pouco tempo. Acho que podia ficar mais tempo na digitação durante o inicio do curso.

Participante P3: eu tinha muita dificuldade de mexer com pendrive. Mas ai os monitores me ensinaram e hoje eu gravo músicas pra ouvir no carro. Baixo as musicas no site 4shared. Então eu aprendi muitas coisas, ouço muita música agora.

Participante P2: agradeço as monitoras porque elas me ensinavam, passavam dever e eu fazia em casa.

Moderadora agradece a participação, encerra o grupo e se coloca a disposição para esclarecer dúvidas.